



*QUASE TUDO
SOBRE QUASE NADA*

RUI SOUSA FERREIRA



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis

FICHA TÉCNICA

TÍTULO - Quase tudo sobre quase nada

AUTOR - Rui Sousa Ferreira

CONCEÇÃO GRÁFICA/CAPA - Frederico Pompeu

IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Lousanense - Artes Gráficas

EDIÇÃO - UA EDITORA

Universidade de Aveiro

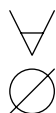
1.ª Edição - Outubro 2024

TIRAGEM - 250 exemplares

ISBN - 978-972-789-933-3

DOI - <https://doi.org/10.48528/c5ma-bm73>

DEPÓSITO LEGAL - 536566/24



*QUASE TUDO
SOBRE QUASE NADA*

ÍNDICE

Sem pano para mangas	3	Lançamento da esfera	75
Dores meteorológicas	5	Crescer não é só ficar mais alto	77
Engenharia capilar	7	Futebol rodoviário	79
Aplaudir sentado	9	Algumas merdas sobre obstipação	81
Dizem tanta coisa	11	Guia prático para fazer gelo	83
Pum	13	Ditadura estética	85
O futuro é coisa para vir depois	15	A verdade das comadres	87
Vernáculo animalesco	17	O milho da sétima arte	89
Arte e manha	19	Ensaio sobre a distração	91
A bicicleta estática não nos leva a lado nenhum	21	Sonos trocados	93
Sobre espumante	23	Q de quá-quá	95
Agora pisca, agora não pisca	25	Parar é morrer, mas, cansa menos	97
Chumbo desportivo	27	«Top» não é adjetivo.....	99
O nome não compensa.....	29	Sonhar é barato.....	101
A mentira da verdade	31	Nomeações alternativas	103
Não peço muito	33	Poluição sonora.....	105
Deslocalizações incômodas	35	Mamíferos do azar	107
Uma nota lava a outra	37	Pontarias desafinadas	109
Quase 100% de certeza	39	Chapadas com classe	111
Carta entreaberta.....	41	A peúga parola	113
O declínio notório da extração de símios 43		Olé touro, olé.....	115
Más vizinhanças	45	Cachaça não é H2O	117
Diz o empenado ao torto	47	Notícias falsas, mas em inglês	119
Sobre quedas orientais	49	Navegar pela medicina	121
O patrão nunca tem razão	51	Prevaricadores de apertos de mão	123
Há mar e mar, há ir e rimar	53	Más companhias	125
Intolerâncias	55	Engenheiros das obras feitas	127
Coisas deveras desinteressantes	57	Compartimentos extra	129
Completamente incompleto.....	59	Ingredientes invisíveis	131
Problemáticas de merda	61	Arrogância fixa	133
Ilusões que desiludem	63	Calar é fácil	135
Semeio contemporâneo	65	Tupperwares	137
Copos cheios de nada	67	Alturas em que tenho medo de alturas	139
Natação espinal.....	69	Sobre dormir com outrem	141
Idoneidade assim-assim	71	Vegetariano não praticante	143
Tuning adesivo	73	Morrer na praia.....	145
		Planos não alfabéticos	147
		Querido diário	149

Não compreendo nem aceito de ânimo leve a existência do colete. Parece que lhe falta algo, e a sua utilidade ultrapassa-me por completo. Quem terá achado que um casaco sem mangas seria viável ou mesmo necessário para o nosso bem-estar enquanto seres-humanos? A criação desta requintada peça de vestuário parece estar envolta num grande mistério. Talvez até loucura, quem sabe? Qual o seu propósito? Terá o seu criador sentido frio apenas no tronco e decidiu proteger somente aquela área corporal? Ou estaria ele a fazer um casaco e acabou-se o tecido? As opiniões dividem-se, mas respostas concretas e elucidativas, são tipo as mangas de um exemplar desses, inexistentes.

Ao que parece, quem usa colete não se importa, nem com as opiniões dos outros, nem com o seu próprio aspeto. Provavelmente serão pessoas que já morreram por dentro. A nível estético, o colete não acrescenta nada aos braços do seu utilizador, nem ao estatuto do mesmo. É capaz até de retirar toda a sua credibilidade de uma só vez e em poucos minutos de utilização. Quem usa colete, tem, desta forma, muito pouco a perder. Usar colete é dizer: não quero saber, posso parecer desenquadrado, mas pelo menos tenho o tórax quentinho. Usar colete é assumir que o conforto do peito e abdómen são mais importantes do que a própria dignidade. É libertar-se das amarras da sociedade enquanto se exhibe falta de frio nos braços. É continuar a ser membro da sociedade, mas desta vez com os membros superiores despidos de preconceitos, e de tecido também.

Como é óbvio, não sou proprietário de nenhum colete. Mas, o que é certo é que o poderia ser muito facilmente, se assim o entendesse. Casacos e tesouras são coisas que não me faltam lá em casa. No escritório, até um x-ato tenho. A verdade é que não gosto nada de danificar roupa e ainda tenho uma réstia de autoestima. Relativamente ao vestuário, eu prefiro peças de roupa completas e que me façam passar despercebido entre a multidão. Dispensio o uso de vestuário que possa arruinar a confiança de amigos e familiares. Prezo muito as relações interpessoais, e não vai ser a falta de mangas que vai estragar isso.

Porém, e apesar de tudo, a verdade é que existem coletes úteis. São eles, os coletes salva-vidas e os coletes à prova de bala. Ambos podem salvar vidas. O problema é que, também ambos podem ficar muito mal no corpo de um falecido. Se a sua utilidade for cumprida, nada a assinalar. Se não for, temos agora um morto muito mal vestido. Talvez até pouco apresentável para a situação em que se encontra.

Fico por aqui, é por demais evidente que o colete é um assunto com muito pouco pano para mangas.

A concorrência está presente nas mais diversas áreas da nossa vida pessoal e profissional. Concorre-se das mais variadas formas e feitios. Para alguns, concorrer é mesmo um estilo de vida. Mas, há um tipo de concorrência que parece passar despercebido mesmo aos mais atentos. Falo da concorrência apertada entre meteorologistas e indivíduos com dores nos ossos. Esta rivalidade entre profissionais, cujo objetivo é fornecer informação futura acerca do estado do tempo, parece ter vindo para ficar. É uma concorrência feroz e por vezes desleal, mas necessária para o bem-estar de todos nós que pretendemos estar a par da precipitação meteorológica do dia de amanhã. De um lado temos os profissionais que estudam os fenómenos atmosféricos, e do outro, temos indivíduos que sentem dores e pequenas pontadas em determinadas zonas do seu corpo. Ambos trabalham no campo da previsão do estado do tempo, mas cada um com os seus próprios meios e ferramentas. Enquanto uns usam satélites avançados, os outros usam os seus próprios joelhos desgastados. Tecnologia versus osteoartrose. Ninguém sabe o dia de amanhã, exceto claro, meteorologistas e videntes ossários. Contudo, esta arte de prever o estado do tempo com base em guinadas e sem auxílio de satélites, não parece estar ao alcance de qualquer um. Crianças, jovens e adultos saudáveis, não parecem estar ainda aptos para esta prática, tão nobre, de informar os demais se amanhã será um bom dia ou não para se fazer um piquenique. Os elevados níveis de cálcio nos ossos e as articulações em perfeito estado de conservação parecem ser obstáculos difíceis de contornar e, neste sentido, incapacitantes relativamente à previsão meteorológica.

Esta arte adivinhatória parece estar apenas reservada aos mais velhos, ou então, a indivíduos mais novos com rótulas deslocadas. Relativamente aos honorários, os videntes ossários são profissionais que primam pelo altruísmo. Enquanto os meteorologistas auferem um rendimento pelo seu trabalho, os videntes ossários fazem voluntariado. Fornecem a previsão do estado do tempo de livre e espontânea vontade, não esperando qualquer tipo de retribuição em troca, a não ser um pouco de admiração e respeito pelo seu trabalho.

O dinheiro não lhes dá de comer, preferem alimentar-se com elogios. Perante o enaltecimento de terceiros, o seu ego infla de forma semelhante aos seus tornozelos. São pessoas que usam o seu dom para o bem de todos nós, sem pedir nada em troca. Uma palmadinha nas costas é o suficiente, desde que não seja com demasiada força, para não aleijar.

O seu sofrimento é transformado em informação de utilidade relativa. Mas não é a relatividade da informação que invalida esse sofrimento. Os joelhos vão sempre doer, chova ou não chova amanhã.

Nesta vida existem dois tipos de pessoas: as que conseguem enganar quem as rodeia, e as que penteiam o que resta do seu cabelo para cima da careca. A dissimulação está presente em todo o lado, e somos confrontados com ela praticamente todos os dias da nossa vida. Quando é bem executada nem damos por isso, mas quando é feita recorrendo ao uso de cabelo, torna-se mais fácil descobrir a careca. Um bom disfarce, para além de passar despercebido, é sinal de subtilidade. O problema surge quando se tenta tapar o sol com uma peneira, ou a careca com cabelo migrante.

Pessoas que tentam ocultar a falta de cabelo com o seu próprio cabelo julgam-se excelentes engenheiros. E, tal como um engenheiro que se preze, usam conhecimento científico e matemático para desenvolver as soluções para os seus problemas técnicos. A dificuldade reside no facto do seu conhecimento científico ser extremamente reduzido, e relativamente ao matemático, as contas serem muito mal feitas. Executam as suas obras com o único material que têm à sua disposição e, talvez por isso, até exibam o resultado com orgulho. O que lhes sobra em presunção parece faltar-lhes em noção. Esta arrogância criativa parece ser o seu calcanhar de Aquiles. São os seus próprios mestres de obras, responsáveis pela preparação, execução e conclusão de toda a empreitada. A obtenção do alvará para dar início às obras depende exclusivamente deles e, como tal, usam-no de imediato, mal percebem a necessidade de fazer os ajustes. São pessoas de criatividade ilimitada, mas com limitações evidentes ao nível da criatividade. Limitam-se a tapar buracos com material impróprio para tapar buracos. São, acima de tudo, donos de um otimismo inabalável. Mas, apesar de se limitarem apenas às armas que têm ao seu dispor, não deixam de lutar, mesmo quando a batalha já está perdida. São seres incansáveis, que lutam, literalmente, até ao último fio de cabelo.

De todas as obras possíveis de serem executadas no couro, outrora cabeludo, a mais replicada por estes engenheiros do disfarce é a já famosa ponte. Aquela construção maravilhosa constituída por cabelos de uma margem cuidadosamente alongados ao longo

do crânio, de forma a permitir a ligação com a outra margem, parece ser a obra preferida destes artistas contemporâneos. O problema é que são obras de fraca robustez e utilidade, facilmente derrubadas por ventos contrários à base da obra. Apesar de ser ainda uma técnica bastante usada nos dias que correm, a sua credibilidade, ocasionalmente, fica apenas por um fio. Basta uma corrente de ar e toda verdade vem ao de cima.

Esconder a careca é ainda uma prática bastante comum entre calvos, o problema é que os guedelhudos já estão carecas de saber.

O ser humano é incrível. É um ser evoluído e bastante complexo, capaz de fazer as coisas mais extraordinárias. Mas, apesar de toda esta complexidade, o ser humano continua a demonstrar alguma dificuldade em expressar-se. Diria até que em certas situações se expressa como um autêntico primitivo. Um bom exemplo disso é o auto espancamento do metacarpo. Este comportamento, mais vulgarmente conhecido por aplauso, para além de existir desde sempre, continua a ser usado como forma de expressão. Bater com as mãos uma na outra por um determinado período é um comportamento socialmente aceite, apesar do ruído antissocial que provoca. São vários os motivos que levam a este comportamento algo estranho e animalesco, sendo que, um dos principais será o de comunicar admiração ou aprovação por algo. A situação é simples: humano aprecia algo, humano dá palmadas em si próprio; quanto mais o humano gosta, mais o humano bate. Enfim, em pleno século XXI e continuamos a expressar admiração como se estivéssemos a afugentar galinhas.

Eu raramente aplaudo. Não porque descobri uma forma mais avançada para me expressar quando gosto de algo, mas sim, porque raramente gosto de algo. E quando gosto, só gosto um bocadinho. Nunca gosto o suficiente ao ponto de esbofetear as palmas das mãos. Prefiro gostar em silêncio e sem pequenas autoagressões às faces internas das mãos. Apesar disso, admito já ter batido palmas. Em minha defesa, devo referir que sempre que o fiz foi por pressão dos demais. Ser o único a cantar os parabéns com as mãos nos bolsos causa má impressão às pessoas que estiverem a olhar fixamente para nós, principalmente se uma delas for o aniversariante. Se olharem muito, causa até um certo desconforto, pouco usual em alguém que normalmente se sente confortável com as mãos nos bolsos. Apesar de estar fisicamente confortável com as mãos na algibeira, o desconforto mental sobrepõe-se, obrigando-me a imitar o comportamento dos outros.

Enquanto todos os outros batem palmas para chamar a atenção, eu limito-me a bater palmas para passar despercebido. Não sei se sou antissocial, mas se o for, pelo menos tenho a certeza de

que sou dos que fazem pouco barulho. Nunca iniciei um aplauso por iniciativa própria, disso tenho a certeza. No futebol, nos concertos e noutras situações em que as pessoas se juntam para extravasar sentimentos e emoções através do aplauso, nunca eu iniciei um projeto dessa dimensão. Aplaudo sempre por solidariedade. Não aos intervenientes desses espetáculos, mas sim aos meus colegas de plateia que, por vezes, me deitam um ou outro olhar de soslaio se não o fizer.

Sempre que me é pedida uma salva de palmas, eu dou porque sou bem-educado. Mas dou contrariado. Para mim, bater palmas é um comportamento estranho e pouco evoluído. Posso até não ter razão relativamente a este assunto, mas, apesar de tudo, recuso-me a dar a mão à palmatória.

Dizem que, devagar se vai ao longe, mas não dizem que rápido se chega lá mais depressa. Dizem que, quem ri por último, ri melhor, mas não dizem que, quem ri primeiro achou graça antes. Dizem que, a esperança é a última a morrer, mas não dizem qual o motivo do óbito. Dizem que, de boas intenções o inferno está cheio, mas não dizem se ainda cabe lá mais alguma. Dizem que, não adianta chorar sobre o leite derramado, mas não dizem que limpar leite derramado dá vontade de chorar. Dizem que, a culpa morreu solteira, mas não dizem se já vivia em união de facto. Dizem que, a laranja de manhã é ouro, de tarde é prata e à noite mata, mas não dizem qual o móbil do crime. Dizem que, a roupa suja se lava em casa, mas não dizem que já há lavandarias públicas. Dizem que, as paredes têm ouvidos, mas não dizem quem foi o empreiteiro para podermos reclamar. Dizem que, cão que ladra não morde, mas não dizem que, se o provocarmos o suficiente, ele acaba por morder. Dizem que, Deus dá nozes a quem não tem dentes, mas não dizem que pessoas com dentes podem adquirir nozes no supermercado. Dizem que, Deus escreve direito por linhas tortas, mas não dizem por que raio é que Ele compra os cadernos com defeito. Dizem que, gordura é formosura, mas não dizem que a probabilidade de apanhar diabetes também é alta. Dizem que, ladrão que rouba a ladrão tem cem anos de perdão, mas não dizem que se for apanhado em flagrante vai preso, apesar de tudo. Dizem que, dinheiro não traz felicidade, mas não dizem que dá imenso jeito para pagar as prestações da casa e do carro. Dizem que, mais vale tarde do que nunca, mas não dizem que se for tarde demais não vale de nada. Dizem que, o barato sai caro, mas não dizem se vale a pena esperar pelos saldos ou não. Dizem que, o que não mata engorda, mas não dizem que o que engorda costuma matar. Dizem que, parar é morrer, mas não dizem que morrer é acabar parado. Dizem que, a cavalo dado não se olha o dente, mas não dizem onde colocar o cavalo, se este nos for oferecido e vivermos num apartamento T2 com apenas cem metros quadrados.

Dizem que, a justiça tarda, mas não falha, mas não dizem se vale realmente a pena esperar. Dizem que, todos os caminhos vão dar

a Roma, mas não dizem que alguns são sentidos proibidos e corremos o risco de ficar sem a carta. Dizem que, tristezas não pagam dívidas, mas não dizem que alegrias também não pagam nada. Dizem tanta coisa.

As pessoas têm gases e não há como negá-lo. Todo o ser humano tem características próprias que podem ser divididas em virtudes e defeitos. Depois disso, tem gases. Ao longo de todos estes anos, o homem evoluiu e adaptou-se a várias circunstâncias da vida mundana. Hoje, é um ser mais completo, mas, apesar de tudo, continua com gases. Gases são tipo os sentimentos, fazem parte do nosso ser. Podemos negar, reter ou até contrariar, mas, mais cedo ou mais tarde, o sentimento vem ao de cima. Quanto mais tarde vier, pior será. Somos apenas humanos. Dizem que o homem já foi à lua, mas nunca dizem que o homem tem gases, pelo menos com a mesma naturalidade e orgulho. Já antes de o homem ter ido à lua, havia gases, e mesmo depois de ele ter regressado, continuam a existir gases. Os gases são assim comuns aos períodos pré e pós homem na lua. Gases estiverem sempre presentes ao longo de toda a evolução do ser humano. Por vezes notados, outras vezes passando despercebidos, mas sempre presentes. Apesar de estarem presentes em todos os aspetos da nossa vida, são muitas vezes alvo de discriminação. Nos filmes, os gases só parecem ter direito a entrar no argumento de comédias. Ao que parece, flatulência é humor. Humor feito com o ânus. E humor, seja ele feito com o orifício anal ou com qualquer outra parte do corpo pertence à comédia. Mas atenção, comédias românticas ficam de fora, por razões óbvias. Os gases por mais divertidos que sejam, carecem ainda de dimensão romântica. Parecem apropriados para a gargalhada, mas impróprios para o romance. Nenhum romantismo é forte o suficiente para sobreviver intacto a um simples e inocente peidinho.

Outras categorias, tais como, drama, terror, ficção científica e musicais, também parecem fechar as portas do casting a esta tão natural característica humana. Num drama, gases podem tornar uma qualquer cena dramática, num autêntico terror. Num filme de terror, gases podem tornar tudo numa autêntica comédia. Em ficção científica já são usados outro tipo de gases, logo os gases humanos ficam naturalmente de fora. E num musical não são de todo audíveis, logo desnecessários.

O cinema em geral não parece muito interessado em explorar a flatulência. As portas da sétima arte parecem estar fechadas a qualquer tipo de arte sonora anal. Esta discriminação de gases no cinema arrasta-se, por vezes, para outras áreas tendo um impacto profundo na vida dos seus fiéis depositários. Certos gases libertam consigo determinados odores. Odores esses que têm como particularidade serem suportados apenas pelo seu autor.

Os gases são assim muito mais do que simples gases. São uma pequena amostra do interior de cada um. E quando dizem que a beleza interior é que interessa, certamente não se estão a referir aos gases. Pum.

Não sou cartomante, mas, por vezes, também eu consigo prever o meu futuro nas cartas. Acontece-me, normalmente, quando jogo à sueca. Observo o conjunto de cartas que tenho na mão e sei, logo à partida, que vou perder o jogo. Ainda não comecei a jogar e a derrota já está garantida. O futuro encontra-se ali nas minhas mãos sob a forma de duques e ternos, e eu consigo lê-lo na perfeição sem possuir qualquer tipo de habilidade esotérica. Por vezes, um ás aqui, um rei ali, e uma dama acolá tentam contaminar a minha previsão, mas raramente têm sucesso nessa tarefa. Sou fraco a jogar às cartas, mas muito forte a perceber antecipadamente quando vou perder. A minha força reside na interpretação assertiva dos meus maus jogos. Atenção que não sou pessimista. Por vezes também consigo prever vitórias, mas o meu constante azar não me permite prever situações dessas muitas vezes. Não costumo ter trunfos na manga, o que não é de estranhar, visto que, na maior parte das vezes nem no meu próprio jogo os consigo ter. Jogo sempre limpo e, como tal, recuso-me a forjar resultados. Como jogador íntegro que sou, limito-me a jogar com as cartas que recebo, para desta forma poder culpar, de consciência tranquila, quem me deu as cartas. O meu lema de jogador é: integridade sempre, responsabilidade nunca! Culpar os outros não faz mal se, efetivamente, a culpa for deles. E se não for, paciência. Pelo menos desta forma contribuo para que parem de dizer que a culpa morre sempre solteira. Comigo a culpa tem de efetivar o matrimónio com alguém antes de perecer. Comigo tem de haver sempre um culpado, nem que seja um inocente.

Apesar de tudo, prever o futuro é coisa de pouco interesse para mim. Sinto que anula o efeito surpresa. Saber o dia de amanhã pode mesmo estragar o dia de hoje e, talvez devido à minha natureza meticulosa, prefiro estragar um dia de cada vez. Gosto de dar pequenos passos, mas seguros, mesmo que na direção errada. Saber hoje o resultado de todas as ações que pratiquei hoje, não me atrai de todo. As consequências que venham depois. Mais vale adiar os resultados. Prefiro esperar e duvidar. A espera dá-me

tempo, a dúvida dá-me alento. Sinto-me mais confortável rodeado de dúvidas boas, do que de certezas más.

Vivemos o presente a pensar como será o futuro. Chegamos ao futuro e queremos voltar ao passado. Nunca estamos presentes no presente. O aqui e o agora é que interessam, menos na Austrália que já é amanhã. E amanhã será um novo dia, mesmo na Austrália que já é depois de amanhã. Profetas e palermas há muitos, e a minha previsão é que amanhã haverá muitos mais.

Um camelo em Marrocos é apenas um camelo. Um camelo em Portugal pode ser um camelo, ou então algum indivíduo de quem não gostamos mesmo nada. Pode também ser um boi, um urso ou um porco, dependendo do estado de espírito com que nos encontramos na altura em que proferimos a injúria.

Mas porque será que se usam os animais como arma de arremesso quando pretendemos ofender alguém? Eu acho que é por sermos burros. Lá está, burros. Mais um animal que não faz mal a ninguém, mas que por algum motivo tem conotação direta com estupidez. Chamar alguém de estúpido parece não ser suficiente, há que usar um animal completamente inocente para validar a ofensa. Relativamente a esta hostilidade verbal, existem animais para serem usados consoante o sexo do ofendido. Ao nível de ofensas no feminino, um dos animais que provoca mais impacto é a vaca. Sim, a vaca. Aquele animal preto e branco tão fofinho, é das piores coisas que se pode chamar a uma mulher. Vaca equivale a puta na escala das ofensas não-animais. Porca poderá aproximar-se perigosamente de puta, mas fica um bocadinho aquém. É tipo uma puta de segunda categoria, o que no fundo acaba por ser pior, mas assim de repente até parece ser menos grave. Ao nível masculino, boi também é considerado uma ofensa, mas esta com um impacto bem menor. Equivale a um cabrão, que desconfio ser calão masculino para cabra, ou então é mitologia grega que desconheço.

Existe, porém, nesta maravilhosa arte de ofender o próximo, uma pequena falta de tato e sensibilidade que me salta à vista: o aspeto do ofendido raramente é tido em consideração. E na minha modesta opinião, faria mais sentido usar nomes de animais cuja aparência física se assemelhasse ao alvo dos nossos insultos. Já ouvi chamarem o meu primo de burro e urso, quando na verdade ele se parece mais com um porco.

Não tem orelhas de burro nem corpo de urso, mas tem, definitivamente, nariz de porco. Compreenderia perfeitamente se

o chamassem de porco, apesar de ele ser meu primo. O nariz de suíno não é tido em consideração.

Também já ouvi chamarem baleia à minha vizinha só porque esta tem oitenta quilos a mais. Está mal. Pessoalmente, acho que faria mais sentido chamá-la de orca.

O facto de ela se vestir de preto e branco, praticamente todos os dias, não é tido em consideração pelos agressores verbais. Infelizmente as pessoas são assim mesmo, pouco minuciosas ao nível do insulto. São distraídas e ofendem por ofender, não tendo sequer em conta as aparências físicas dos seus alvos.

No meio deste ultraje zoológico são poucos os nomes de animais que têm o privilégio de serem usados como elogios. Assim de repente até nem me lembro de nenhum. A verdade é que, ontem chamaram-me gato e, apesar de tudo, eu não levei nada a mal. Mas isso sou eu que sou fofinho.

Algo que sempre me intrigou é a dificuldade que, por vezes, certos especialistas de arte têm em distinguir uma pintura original da sua réplica. São feitos inúmeros testes e análises para atestar a veracidade de certas obras, sendo que, por vezes, apenas detalhes não detetados a olho nu, permitem a distinção entre o original e a sua imitação. Ora, se especialistas treinados têm tamanha dificuldade em separar o trigo do joio, não será então tudo trigo? Ou, em muitos outros casos, tudo joio? Uma coisa é olhar para umas sapatilhas da marca «ardidas» e perceber imediatamente que não são originais devido à diferença de material, qualidade de fabrico, ou simplesmente porque o salafrário que as imitou escreveu um «r» a mais; outra coisa é haver necessidade de se usar instrumentos óticos com super resolução, e de se fazerem análises exaustivas para se distinguir o original do falso. E é aqui que o meu coração se divide. Se por um lado as pinturas são assim tão idênticas, porque não expor réplicas por todo o lado para que toda a gente as possa admirar? Se eu pretender ver a «Mona Lisa» do nosso querido Leonardo Da Vinci, tenho de ir a Paris; se preferir admirar «Guernica» do Pablo Picasso, tenho de me deslocar a Madrid; se, por sua vez, preferir observar «A persistência da memória» do Salvador Dalí, tenho de fazer uma viagem de sensivelmente sete horas de avião até Nova York. A meu ver, a solução passaria por colocar uma réplica de cada uma dessas obras, e de outras tantas, em todas as juntas de freguesia do país. Para além de facilitar a sua contemplação seria também menos dispendioso e sempre se poupavam umas horas de viagem. Poderíamos estar a qualquer momento, no conforto das nossas freguesias, a contemplar a «Mona Lisa» do Zé Miguel, por exemplo. Zé Miguel esse, que acredito, até pintaria uma Mona Lisa de maiores dimensões se lhe pedissem, só para que as pessoas mais velhas não tivessem de esforçar em demasia as suas vistas. A arte, estaria assim, acessível a todos e não só aos privilegiados que podem viajar para as grandes metrópoles, e não sofrem de miopia nem de cataratas.

Ir à junta de freguesia de Amarante tratar de assuntos relacionados com o IMI e aproveitar para ver «A noite estrelada» do Vin-

cent Van Gogh, pintado pelo Vicente da Tina, poderia ser uma realidade bem interessante.

Estar na fila à espera para se ser atendido na Junta de freguesia de Corroios e ter a oportunidade para admirar a «Ponte sobre uma lagoa de lírios de água» de Monet, pintado pelo Mário Zé, seria deveras enriquecedor.

Pablo Picasso uma vez disse: «a arte é a mentira que nos permite conhecer a verdade». Neste sentido, quanto mais mentiras forem expostas, mais verdades serão conhecidas.

Quem adquire uma bicicleta estática, certamente, não faz essa compra por impulso. Faz por excesso de otimismo. Impulso é uma força que provoca o movimento de um corpo; excesso de otimismo é uma crença na força para movimentar o próprio corpo dentro de casa e em cima de um aparelho fixo com pedais.

Na loja a bicicleta parece-se com um qualquer outro aparelho que permite exercitar o corpo, mas, em casa, transforma-se imediatamente numa peça decorativa mais excêntrica. Mais tarde, poderá até se transformar numa peça de mobiliário com uma utilidade comparável à de um estendal. Mas nunca, em momento algum, deixará de ser um mono. Aquando da sua aquisição o comprador sabe que a bicicleta é estática, mas só mais tarde, depois de ter efetuado a compra, e no conforto do seu lar, é que percebe que ele próprio também o é. Num dia vê-se como uma máquina em movimento, no outro, aceita-se como um infeliz e inerte proprietário de uma máquina completamente imobilizada no meio da sala de estar. Há também quem a coloque no quarto.

Exercitar o corpo parece ser algo que está apenas ao alcance de alguns. A verdade é que está ao alcance de muitos, mas, poucos são os que se dispõem a alcançar essa prática, porque, segundo se percebe de imediato, isso é coisa para cansar um bocado. A fadiga física é evitada a qualquer custo nem que para tal tenhamos de ficar completamente parados durante o maior tempo possível. Fugir do exercício físico parece ser o único tipo de fuga que não cansa. É uma fuga que não envolve qualquer tipo de movimento. Fugimos parados e parados garantimos o sucesso da nossa fuga. Assim de repente, parece infalível.

A prática do exercício físico é vista, pela maioria dos ociosos, como sendo nociva. Ociosos há que pensam de outra forma, mas no fundo, nada fazem em relação a isso. Para os ociosos fazer exercício físico significa ir contra os seus próprios ideais. E como preferem sempre ficar, acabam, efetivamente, por não ir. A quietude física é mais simples de alcançar e não envolve esforço físico de qualquer tipo. Assim, rapidamente se percebe que estar parado é,

sem dúvida, a melhor solução para quem não pretende mexer-se. Há quem lute contra a sua natureza, mas, quem o faz, acaba sempre vencido pelo cansaço.

Em teoria, ter um estilo de vida saudável parece algo simples e fácil de se atingir. Na prática, é complicado, exige esforço e cansa muito. Transpirar é também um dos requisitos. No fundo, fica claro que para se ter saúde o preço a pagar é bastante alto. Alguns optam por pagar esse preço na totalidade, outros preferem comprar bicicletas estáticas em promoção.

Tenho a sensação de que o vinho espumante é a bebida mais desperdiçada da história da humanidade. Penso que até já foi desperdiçado mais vinho espumante do que propriamente ingerido. A abertura de uma garrafa desta bebida impele mais depressa ao esguicho do que à sua ingestão, a verdade é essa. O desperdício supera de longe o aproveitamento. Esta bebida parece estar envolta em algum tipo de mistério que leva o adulto mais comedido ao desperdício selvagem e descontrolado. Indivíduos moderados transformam-se em autênticos esbanjadores primitivos quando na posse de uma garrafa desta bebida borbulhante. A propriedade daquela vasilha de vidro despoleta comportamentos bárbaros incontrolláveis por parte do seu fiel depositário, e já foi até observado mais espumante na cabeça de pessoas e no chão de estabelecimentos, do que propriamente dentro de copos.

O espumante tem duas características muito próprias: é um vinho com níveis significativos de dióxido de carbono e transforma adultos em crianças descontroladas. A primeira deve-se a uma dupla fermentação a que é sujeito, a segunda não tem qualquer explicação racional. Uma garrafa de espumante torna-se um brinquedo nas mãos de um adulto. Brincar com esta bebida é mais comum do que bebê-la. Parece ter outro sabor. Este é um tipo de vinho que parece ser bastante apreciado em todo o lado, menos dentro do copo. São raras as vezes em que se observam copos cheios com esta bebida e, quando se observam, assim ficam por tempo indeterminado. A média de ingestão do espumante deve rondar os dois goles por cada três indivíduos. As pessoas não bebem espumante, simplesmente preferem brincar com ele. Abrir uma garrafa de espumante unicamente para beber parece ser algo saído de um filme de ficção científica. Quando se abre espumante é para jorrar vida, não para matar a sede.

A verdade é que o espumante é uma bebida muito usada para celebrar. Saborear parece ser apenas a segunda opção. Em quase todos os desportos os vencedores de alguma competição usam o espumante nos festejos. E em todos esses festejos apenas 5% da

bebida é, efetivamente, ingerida. Os restantes 95% são desperdiçados à volta do detentor da garrafa.

Ou as pessoas não gostam da bebida, ou gostam tanto que até a despejam pela cabeça abaixo dos outros. Admito que despejar algo na cabeça de outras pessoas possa ser divertido e até gratificante, mas não vejo ninguém fazer isso com vinho do Porto nem whisky. Este desperdício só parece mesmo acontecer com vinho espumante. Entre a ingestão do mesmo e a sua utilização enquanto chuveiro dirigido, as pessoas optam sempre pela segunda opção.

Muitas pessoas confundem espumante com champanhe. Mas, a verdade é que são bebidas diferentes. O champanhe vem de uma região francesa com o mesmo nome, e o espumante pode vir das mãos de um troloucado qualquer. Por isso, cuidado.

Há alguns anos era mais fácil identificar malucos ao volante. Bastava ter a sorte de observar alguém a falar sozinho enquanto conduzia e o assunto ficava logo resolvido. Agora é mais difícil. Mesmo avistado, o maluco (se for esperto) pode alegar que estava a falar ao telemóvel através de Bluetooth. O Bluetooth veio assim facilitar a comunicação, mas, infelizmente, trouxe complicações crescentes no que diz respeito à detecção de tolos ao volante. É verdade, o Bluetooth é uma tecnologia capaz de encapotar os malucos ao volante. Enquanto a sorte protege os audazes, a tecnologia de comunicação sem fios parece proteger os tolos. Felizmente há outras formas de os identificar quando estes se encontram em modo piloto. A principal será mesmo o desprezo que nutrem pelos piscas. A não utilização das luzinhas intermitentes permite detetá-los a todos, estejam eles em alta-voz ou, como é seu hábito, a falar sozinhos.

Sinalizar uma mudança de direcção enquanto se conduz é uma raridade nos dias que correm. Não há qualquer interesse em denunciar movimentações rodoviárias. O secretismo parece mesmo fazer parte do código da estrada. Aliás, a incógnita rodoviária é mesmo o que me faz pegar no carro todos os dias e meter-me à estrada. Isso, e o facto de ter de ir trabalhar. A verdade é que a maioria dos condutores do século XXI são pessoas muito reservadas. As suas reservas são tantas que optam por não dar indicações nem sequer indícios das suas movimentações ao volante. Não há qualquer interesse em sinalizar uma mudança de trajetória, muito menos com luzinhas a piscar. Movimentam-se sorrateiramente preferindo manter secreto todo o seu itinerário.

Conduzir é fácil e qualquer pateta o pode fazer. Mas conduzir bem exige outras valências que não apenas a patetice. Mesmo quem tem aptidões para tal, pode, em determinada altura, ver as suas capacidades diminuídas. Muitas pessoas transformam-se quando dentro das suas viaturas. Não em exímios condutores, mas, em vulgares sapateiros (sem ofensa para essa tão nobre pro-

fissão, cujo profissional tem de lidar diretamente com o chulé de pessoas não pertencentes ao seu agregado familiar).

A condução de um veículo tem o incrível poder para alterar a personalidade de um encartado. Pessoas calmas perdem a cabeça, pessoas desvoltas tornam-se trapalhonas, pessoas cuidadosas tornam-se negligentes e, pessoas com carros equipados com quatro piscas optam por não usar nenhum. Basicamente a condução resume-se a esta triste realidade: há condutores que se atrapalham, há condutores que se enervam e, há condutores que não usam os piscas, atrapalhando e enervando todos os outros. O círculo é vicioso.

Aconselho - sempre que haja essa opção - o uso moderado dos piscas. Trata-se de uma ferramenta útil e eficaz no que concerne à diferenciação entre homens civilizados e selvagens. Não sejam malucos, ninguém quer saber para onde vão, só para onde é que vão virar.

Atualmente há toda uma panóplia de modalidades desportivas disponíveis. Há, na realidade, desportos para todos os gostos. O problema é que eu gosto pouco de os praticar. Qualquer desporto em que não seja usada uma bola de futebol é imediatamente chutado para canto. Padeço de duas condições que me impedem da sua prática: falta de interesse e falta de vontade. Como tal, opto por abster-me dando prioridade à ociosidade. No entanto, existem atividades que ganharam o estatuto de desporto, a meu ver, incompreensivelmente. Ou o indivíduo que atribuíu os estatutos estava distraído e deixou passar, ou foi alvo de suborno. Algumas são até modalidades olímpicas por mais incrível que pareça. Um belo exemplo disso é o tiro ao prato. O que parece uma atividade praticada por pessoas mentalmente instáveis, revoltadas e sedentas de destruição de propriedade é, na verdade, um desporto olímpico. O tiro ao prato é uma modalidade desportiva que consiste precisamente naquilo que o seu próprio nome indica: dar tiros em pratos. Contrariamente ao que se possa pensar, disparar armas de fogo não é atividade exclusiva de polícias e bandidos. Atletas federados também o fazem. Atualmente, alguém com uma arma na mão, tanto pode querer fazer um assalto como pode querer bater algum recorde olímpico. Nunca se sabe e, como tal, temos de estar preparados para ficar sem a nossa carteira ou para assistir em direto a um novo recorde do mundo. Esta modalidade é difícil de perceber, mas, pelo menos o seu nome é autoexplicativo. O desporto consiste em, simplesmente, dar tiros em pratos. De todos os utensílios domésticos disponíveis, o prato foi o escolhido para esta tão honrosa missão de ser abatido indiscriminadamente por indivíduos de arma em punho. Tigelas, copos e panelas foram os principais preteridos na secção de cozinha. Ao que parece, o prato é o único utensílio digno de levar com chumbo. A sua utilidade já não se limita a servir refeições ricas em ferro e zinco, sendo agora alvo de chumbo também. Dá a ideia de que certo dia alguém se chateou com o que havia para jantar e decidiu despejar toda a sua raiva no menu que lhe foi apresentado. E, reconheço que

com uma arma na mão torna-se muito mais fácil expressar o nosso descontentamento na hora das refeições.

Para mim, o inventor deste desporto, era apenas um vândalo com falta de apetite e de arma em punho que teve aceitação por parte da sociedade. Decidiu destruir pratos desportivamente em vez de os destruir indiscriminadamente e, como tal, foi-lhe atribuído o estatuto de atleta. Outros vândalos não têm a mesma sorte, mesmo quando partem a loiça toda.

Assim, resta-me aceitar o facto de que, não sendo eu um vândalo nem um feliz proprietário de uma arma de fogo, fico muito mais longe de duas coisas: fama olímpica e prisão.

Penso que o combate ao crime em Portugal não se faz da melhor forma. E, a meu ver, um dos fatores que não contribui para a diminuição da criminalidade são os nomes atribuídos aos criminosos. Existe uma tendência para presentear com nomes sonantes todos aqueles que enveredam pela área do crime, o que de certa forma dota as suas personalidades de um certo charme e mistério. Um dos criminosos mais famosos do nosso país é o, sobejamente conhecido, «Estripador de Lisboa». Qual o criminoso que não ficaria orgulhoso em ver-lhe atribuído nome tão pomposo? Para além de «estripador», ainda fazem questão de indicar que é da capital. Surgiram, inclusive, alguns indivíduos a reclamar a posse desse tão famigerado título. Há que reconhecer que «estripador» é um nome demasiado magnificente para um simples tanso que se limitou a esventrar, sem motivo aparente, algumas prostitutas toxicodependentes e indefesas.

Como forma de desencorajar futuros criminosos na procura do nome ideal e de travar alguns ímpetos que almejam uma fama fácil digna de um filme de Hollywood, eu proponho a seguinte medida: atribuição de nomes fraquinhos e realmente ofensivos a todos os futuros criminosos deste país. A lei da retroatividade deverá ser aplicada e nomes de criminosos antigos também deverão ser reformulados como forma de aviso. No caso do «Estripador de Lisboa», aconselho a reformulação do nome sugerindo uma destas três hipóteses: «camafeu asqueroso», «javardo reles», ou o clássico «monte de merda». Todos estes nomes assentam como uma luva e não exaltam o mastronço que ele é. Qualquer pessoa que tenha em mente matar uma prostituta toxicodependente, ou mesmo outra pessoa qualquer que não faça sexo por dinheiro e que até ache que as drogas fazem mal à saúde, certamente pensará duas vezes antes de o fazer. Ficar conhecido para a eternidade como «camafeu asqueroso» certamente não agradará a ninguém, nem mesmo a um verdadeiro camafeu asqueroso.

Francisco Leitão, mais conhecido por «Rei Ghob», foi outro criminoso condenado pela autoria material de três homicídios. Mata três adolescentes e ainda lhe atribuem o título de rei. Que

bela monarquia que para aqui vai! Este paspalho passa de reis a rei sem nunca ter sido sequer príncipe.

Para este indivíduo aconselho a reformulação do seu nome para uma destas três opções: «grunho inútil», «lorpa rançoso» ou o clássico «monte de merda».

Outros criminosos que surjam no futuro deverão ser sempre apelidados com uma destas três opções. Combinações de dois ou mesmo dos três nomes também serão permitidas. Poderão ser adotados novos nomes desde que cumpram os requisitos essenciais. Qualquer nome que permita a exaltação ou mesmo a suavização do criminoso ou do seu ato deverá ser rejeitado veemente.

Está na altura de combater o crime com medidas eficazes. E que melhor forma senão esta de começar a chamar os bois pelos nomes?!

O tempo passa, as pessoas mudam. Noto que estou mais velho quando percebo que não quero sair de casa para conviver com outras pessoas. Quando eu era mais novo mentia aos meus pais para poder sair de casa, hoje minto aos meus amigos para poder ficar em casa. Antes mentia por necessidade, agora minto por educação. Não sou mentiroso por natureza, mas a minha boa índole faz-me mentir. Quando me fazem um convite, acho de mau tom recusar só porque sim. A recusa injustificada, ou simplesmente baseada na pura verdade pode ser vista como bárbara e, como tal, é sempre mais saudável utilizar uma justificação falsa, mas cortês. Dizer: «obrigado, mas não quero», é sincero, mas ao mesmo tempo, é uma falta de educação. E, quem nos convida não quer sinceridade. Quem nos convida quer a nossa companhia, ou então quer outra coisa qualquer. E como não há interesse da nossa parte em ceder a nossa companhia, cedemos outra coisa qualquer. Mentir até pode ser feio, mas só o é realmente, se não houver um bom e digno motivo para o fazer. Recusar um convite com uma mentira é uma prática social extremamente higiénica, no meu entender. É uma forma simpática de dizer à outra pessoa que preferimos a solidão à sua companhia, porque a solidão é bem mais interessante e apelativa. Isto tudo sem dar a entender que a solidão é bem mais interessante e apelativa que essa pessoa. E isso parece-me justo. Entre um convite e uma recusa a esse mesmo convite existe toda uma dinâmica bem assente em mentiras de urbanidade e de bons modos. A mentira suaviza a recusa tornando-a socialmente aceite. Se mentir é feio, recusar convites dizendo a verdade, é ainda mais. Portanto, aquilo que poderia ser uma nega muito feia, torna-se numa aldrabice bem-apresentada e de extrema elegância. À beleza de um convite só a beleza de uma mentira terá poder para o declinar sem ofender. A vida em sociedade exige o uso da mentira. A mentira é essencial para a harmonia e o bem-estar de todos nós. Enquanto a verdade magoa, a mentira faz festinhas.

Pessoas que só dizem a verdade são poucas. Minto, são nenhuma. Nunca ninguém conseguiu viver uma vida inteira sem des-

virtuar a verdade, morra eu aqui se estiver a mentir. Falsear é prática comum, assim como negar a falsidade, também o é.

Há até pessoas que prometem dizer a verdade, somente a verdade, e nada mais que a verdade. Falsas. Mentem em nome da verdade. Prometem em nome da verdade. Mas de promessas está o inferno cheio, dizem. Ou aquilo é pequeno, ou promete-se desenfreadamente por aí fora.

No fundo, a verdade é que se mente. Mente-se verdadeiramente.

Não peço muito, apenas gostaria de: saber falar fluentemente italiano para fingir que sou estrangeiro de vez em quando, ter coragem para usar fato de treino ao domingo, perceber de informática noutra ótica que não na de utilizador, saber jogar xadrez para pensarem que sou intelectualmente evoluído, poder comer pizza todos os dias sem engordar, beber água e arrotar como se tivesse bebido Coca-cola, beber Coca-cola e ficar hidratado como se tivesse bebido água, deitar-me com sono, acordar sem sono, não ter comichão em zonas inacessíveis das minhas costas quando estou sozinho, não ter comichão no escroto quando estou acompanhado, não precisar de cortar as unhas das mãos para sempre, não precisar de cortar o cabelo só por um tempo indeterminado à minha escolha, ser incapaz de sentir o cheiro a chulé, perceber um pouco de física quântica para poder impressionar desconhecidos, saber fazer truques de magia com cartas para poder impressionar conhecidos, conseguir descascar um ovo cozido sem que o ovo fique a parecer uma vítima de atropelamento, conseguir cortar legumes em tiras fininhas muito rapidamente e sem cortar os dedos tipo os chefs de cozinha, conseguir evitar pessoas chatas quando estou aborrecido, conseguir evitar pessoas chatas quando estou divertido, conseguir evitar pessoas chatas em geral, saber fazer outras figuras em origami que não aquelas abstratas que costumo fazer, saber fazer malabarismos com facas para parecer um indivíduo mais misterioso, conseguir cuspir a longas distâncias de forma a surpreender pessoas civilizadas, conseguir rodar uma bola na ponta do dedo durante vários segundos para me exhibir aleatoriamente, saber assobiar a música do genérico do MacGyver, saber assobiar, conseguir dar saltos mortais para trás, conseguir dar saltos mortais para a frente, saber nadar de costas, saber nadar, conseguir reproduzir o hino nacional através de arrotos para poder impressionar crianças e chatear nacionalistas, conseguir hipnotizar pessoas de forma a torná-las minhas empregadas para sempre ou, pelo menos, durante uma semana até me organizarem minimamente a casa, conseguir dizer o alfabeto de trás para a frente enquanto faço o pino, conseguir fazer o

pino, conseguir equilibrar-me de pé em cima de um cavalo para as pessoas pensarem que sou algum tipo de artista circense, saber tocar harpa para confundir os meus amigos machistas, conseguir mexer as orelhas para ajustar os óculos de sol sem ter de usar as mãos, conseguir beber uma garrafa inteira de sumo de maçã sem ficar com dores de barriga, conseguir beber uma garrafa inteira de vinho tinto sem ficar embriagado, saber karaté para me defender, ser advogado para defender os outros, e conseguir abrir, pelo menos uma vez na vida, uma caixa de medicamentos pelo lado oposto ao da bula. Não peço muito.

Certas coisas quando fora do seu devido lugar perturbam de uma forma inexplicável. Fios de cabelo, dentaduras e rótulas são exemplos perfeitos do impacto que uma deslocalização temporária ou definitiva pode causar em quem a presencia.

Um fio de cabelo na cabeça do seu proprietário é das coisas mais inócuas que pode existir, mas um fio de cabelo no nosso prato de comida é bem mais difícil de digerir. Na cabeça não passa de um enfeite capilar inofensivo, mas, no nosso prato ofende de sobremaneira. É um simples filamento de proteína que, no local apropriado é aceitável, mas desagregado do couro cabeludo, é mais difícil de aceitar. Na cabeça, esteja ele sujo ou limpo, isso pouco nos afeta. No nosso prato, afeta-nos seja qual for a sua condição sanitária. Não queremos saber se está limpo, o lugar dele é na cabeça junto aos seus semelhantes e não no prato junto aos nossos hidratos de carbono. Ao nível da degustação, a preferência, em geral, recai sempre sobre alimentos desprovidos de um penteado. Não parece haver interesse por parte das pessoas em batatas guedelhudas ou em bifes com risco ao lado. Comida fria tolera-se, comida cabeluda, nem por isso.

Dentaduras são outra coisa que se torna assustadora quando fora da cavidade bucal do seu proprietário. Na boca, somos capazes de perceber o seu propósito e, por vezes, até admirar a sua beleza. Fora da boca são apenas dentes falsos ao ar livre. Quando na boca normalmente percebemos que são dentes falsos, mas fora dela é que sentimos verdadeiramente todo o impacto da sua falsidade. E essa falsidade é deveras assustadora. Ninguém sorri ao observar uma fratura exposta, da mesma forma que ninguém sorri ao observar um sorriso exposto. São condições diferentes, mas em ambas, o problema será mesmo a exposição em demasia que atormenta quem a observa. É verdade que ver uma boca sem dentes assusta, mas ver dentes sem uma boca assusta muito mais.

Uma rótula deslocada tem também o poder de perturbar. É certo que perturba mais o proprietário da perna onde o deslocamento ocorreu, mas pode também incomodar quem observa o

deslocamento do alto dos seus joelhos totalmente funcionais. O deslocamento, por menor que seja, nunca é apreciado com agrado por quem o testemunha.

Uma rótula devidamente acomodada ao menisco e a outros ligamentos passa despercebida, mas uma rótula migrante dá nas vistas pelos piores motivos. Dá a sensação de que o joelho desistiu de ser joelho para ser agora uma espécie de cotovelo no meio da perna. Transforma-se numa protuberância extra sem qualquer utilidade física ou estética. E ninguém gosta de altos e baixos nem mesmo quando estes acontecem numa perna aleatória.

A verdade é que, certas coisas, e por vezes até pessoas fora do seu lugar, incomodam. A vida é uma selva, e a melhor forma de evitar estas macaquices é mesmo ficar cada macaco no seu galho.

Quando era petiz e ouvia a expressão «lavagem de dinheiro», não conseguia evitar o caos que se instalava no meu pequeno cérebro. Porque estariam os adultos interessados nesse tipo de limpezas absurdas? Para quê lavar dinheiro? E mais importante, como conseguiam eles lavar o dinheiro sem o danificar? A relação entre papel e água nunca foi muito simpática para o lado do papel. Qualquer um dos dois lados do papel, aliás. Aquele conceito hippie da lavagem a seco ainda não me era familiar, ou provavelmente ainda nem sequer existia. Logo, só conseguia imaginar lavar algo com água. Ainda hoje desconfio se a lavagem a seco realmente existe. Como disse uma vez Jerry Seinfeld: «se já é difícil sujar algo a seco, imaginem lavar algo a seco». No entanto, e relativamente às moedas, o processo parecia ser menos complicado. Ainda hoje as moedas não se desintegram quando em contacto com líquidos. Mas, a minha dúvida prendia-se com as notas. O que fariam às notas estes indivíduos obcecados por limpeza? Que processo genial teriam eles inventado para lavar papel sem o estragar? Nunca descobri como era feito e sempre tive receio de perguntar para não parecer um ignorante no que diz respeito à limpeza monetária. Admitir não perceber muito de higiene, seja ela qual for, pode ser algo negativo e até prejudicial na vida de uma criança e, por isso mesmo, decidi não arriscar. Anos mais tarde tive a oportunidade de realmente perceber em que consistia esta higienização monetária. Ao mesmo tempo percebi que, apesar de se tratar de uma limpeza, não era nada mais do que um trabalho sujo. Fiquei a saber que as pessoas que lavam dinheiro não são pessoas limpinhas e bem-intencionadas. São apenas criminosos que, muito provavelmente, nem banho todos os dias tomam. Admito uma certa desilusão relativamente a todo este processo, mas também um alívio no que diz respeito à parte em que afinal não se molham as notas em momento algum. Afinal, para se lavar dinheiro não é preciso água e sabão. Basta um toquezinho de desonestidade, e nem é preciso por a secar depois.

Apesar de tudo, admito já ter lavado dinheiro em adulto. Lavei algum, não muito. Mas sempre que o fiz, fi-lo sem más intenções.

Nunca em momento algum tive a má intenção de colocar as calças na máquina de lavar com dinheiro nos bolsos.

Parece-me ser um daqueles crimes sem culpados. Lavei dinheiro de forma não premeditada e, como tal, não tive de cumprir qualquer tipo de pena. A única pena que tive foi a de ter ficado sem o dinheiro.

Atualmente, e com o aparecimento do dinheiro virtual, cada vez se fala menos em lavagem de dinheiro. Talvez isso se deva ao facto de nem toda a gente ter internet e, quem tem, não querer gastar os dados todos na lavandaria.

Segundo determinada estatística, 74% dos portugueses acredita em 82% das estatísticas que lhes são apresentadas ocasionalmente. Esta estatística sobre estatísticas tem uma probabilidade de 53% de estar correta o que não invalida que possa até estar 100% errada. Em estatísticas feitas «a olho» a probabilidade de acerto é variável e passível de erro. É provável até que possua uma margem de erro de 27%, mas ninguém poderá ter 100% de certeza relativamente a isso. As contas não são assim tão complicadas, o problema é que 33% das pessoas optam por não as fazer, e 42% nem sequer sabe fazer contas envolvendo percentagens. A percentagem de pessoas confusas com o que aqui está escrito deverá rondar os 97%, mas apenas 12% desses 97% o vão admitir. Os restantes 88% dividem-se desta forma: 56% finge que percebe e 32% não percebe nem quer perceber. Para 79% desses 32% a leitura fica por aqui. Contudo, 16% são tão curiosos que, apesar de tudo, continuam. Dos prováveis 19% que pararam de ler é garantido que 100% não sabe o que perdeu. Dos que continuaram, é possível que, sensivelmente 24% se arrependeu de ter continuado.

Consta-se que 93% das pessoas fazem estatísticas na hora. Este número foi calculado com base na necessidade de se fazer esta estatística na hora sobre pessoas que fazem estatísticas na hora. A percentagem de estudos feitos sobre estatísticas na hora ronda os 14% e, como tal, torna-se complicado obter um número mais fiável. 30% destas estatísticas carecem de estudos científicos, sendo que os restantes 70% também. São estatísticas pessoais, logo, o seu valor reside precisamente no toque individual de quem as enuncia. Não são apenas números frios baseados na recolha de dados exatos, são números pessoais baseados em percepções próprias, pouco ou nada exatas.

Para determinada pergunta para a qual não haja uma resposta concreta em mente é sempre atirada uma estatística com percentis. Responder sob a forma de estatística tem uma taxa de 84% de utilização por parte dos intervenientes de qualquer conversa. É uma forma simples de esclarecer o que precisa de ser esclarecido

sem envolver um fundo de verdade científica. É responder matematicamente sem ter de se fazer as contas. É matemática aplicada à aleatoriedade.

Aquela definição de que a estatística é uma ciência que se dedica à coleta, análise e interpretação de dados, estará, nos dias de hoje, completamente obsoleta. Qualquer pessoa, habilitada ou não, pode, atualmente, fazer as suas próprias estatísticas sem qualquer tipo de coleta, análise e interpretação de dados. A estatística do futuro está ao alcance de 100% da população. Pode ser difícil de acreditar, mas as estatísticas falam por si.

Não aprecio o conceito de carta aberta. Prezo muito a privacidade e, a meu ver, este tipo de situações, interfere um pouco com o sigilo. Segundo dizem, uma carta aberta é, nada mais, nada menos, do que uma carta dirigida a alguém, que é tornada pública num jornal ou em qualquer outro meio de difusão. Acho confuso. Parece que há um destinatário único que, apesar de tudo, não é o único destinatário. Ora, uma situação destas pode causar algum transtorno na logística dos CTT e o facto de não haver necessidade de se colocar um selo na dita carta também não parece ser rentável para o negócio. Já para não falar que a parte de haver vários destinatários é francamente confusa. Assim de repente nem parece uma carta. Parece mais algum tipo de email tornado público ou um simples artigo de jornal. O remetente deste tipo de carta parece-me ser alguém com algum tipo de necessidade extrema de atenção. Não lhe basta um telefonema para os amigos mais chegados, tem de contar aquilo ao maior número de pessoas que conseguir. Para obter a atenção dos outros há pessoas que falam alto, outras que gritam, outras que choram. Depois há aquelas que escrevem cartas abertas. Preciso que leiam o que eu escrevi e, se não for o seu destinatário, que seja o maior número de pessoas conhecidas ou desconhecidas possível. Leiam todos. Ler faz bem.

Cada vez nutro maior simpatia por pessoas discretas, o problema é que essas pessoas são muito difíceis de encontrar. Dá até a sensação de que fazem de tudo para não aparecer.

Hoje em dia, a privacidade é cada vez menos privada. Quem deseja privacidade raramente a tem e, quem a tem, raramente a deseja. Quase toda a gente quer mostrar onde está, o que vai vestir, o que vai comer, o que vai fazer. Isto só é possível porque quase toda a gente quer ver onde essas pessoas estão, o que vão vestir, o que vão comer, o que vão fazer. Parece um jogo de troca de experiências, no qual, em vez de experienciarem o que estão a viver, vivem o que os outros estão a experienciar. É um novo mundo em que cada um sabe de si, mas se também puder saber dos outros, tanto melhor. É uma espécie de masturbação social pouco excitante, a meu ver.

Aprecio tanto esta exposição pessoal como aprecio a exposição solar. A minha pele sensível não me permite expor por longos períodos. O que é pena, pois a vitamina D dá sempre jeito. Devido a todo este «voyeurismo» eu prefiro enviar cartas fechadas. O único senão é o facto de ter de adquirir selos e envelopes para esse efeito. É mais trabalhoso e sai mais caro, mas, pelo menos desta forma, sei que só o seu destinatário a vai ler. Basta um nome, um endereço e uma lambidela.

A modalidade de extração de símios das cavidades nasais no trânsito parece estar a cair em desuso entre os portugueses. Provavelmente continuará a ser praticada em grande escala no interior de habitações e mesmo ao ar livre, mas dentro de automóveis já não parece atingir os mesmos níveis, outrora, elevados. Qual será então o principal fator para esta caída a pique da inserção da unhaca nas cavidades faciais? Não sei, mas desconfio que esteja diretamente relacionada com as novas tecnologias, nomeadamente, os telemóveis. Num primeiro momento os telemóveis permitiram ao homem a comunicação de longa distância. Mais tarde permitiram a gravação de vídeos e fotografia. Atualmente, contribuem para a diminuição da atividade radical de extração nasal dentro do veículo. Aquele momento de aborrecimento no trânsito que antes era compensado por um esgravatar nasal é cada vez mais preterido pelo condutor, optando este agora pelo manuseamento do telemóvel. A quantidade de aplicações que o dedo indicador tem ao seu alcance torna-se mais apelativa quando comparada com um simples escarafunchar. O dedo indicador pode agora deslizar à vontade ao longo de um ecrã de 6.3 polegadas, ao invés de penetrar numa gruta escura e húmida cheia de estalactites e estalagmites. O dedo indicador deixou de ser uma arma pontiaguda apontada ao cérebro para ser agora uma arma que apenas dispara likes virtuais. O seu trabalho perigoso, sujo e antissocial é deixado de lado, para desta forma fazer voluntariado virtual, por vezes, até mais perigoso, sujo e antissocial. Uma pequena percentagem de bateria é o suficiente para desencorajar o contacto pessoal e promover o virtual.

Relativamente à segurança, a atividade de inserção de partes do corpo em orifícios do mesmo, apesar de pouco higiénica é, sem dúvida, mais segura. É passível de ser feita com os olhos na estrada, estando o condutor possibilitado de ver tudo o que o rodeia, podendo assim evitar algum acidente. A atividade de fazer festinhas ao telemóvel não é segura, visto que, a visão é necessária para não se fazer festinhas no botão errado.

Relativamente à legalidade, uma é legal, a outra nem por isso. Se eu fosse brasileiro, diria que nenhuma das duas é legal (ler com pronúncia, se faz favor), porque uma é perigosa e a outra inestética. Mas como português que sou, e não podendo usar a palavra «legal» como sinónimo de «porreiro», devo dizer que nenhuma das duas é porreira, porque uma é perigosa e a outra é proibida.

Observar alguém a esfaquear-se com o seu próprio metacarpo é, de facto, perigoso para quem pratica e assustador para quem observa. Ainda bem que está a cair em desuso.

Proprietário de telhado constituído por material cerâmico transparente não lança substâncias rochosas ao do vizinho. Ou, por outras palavras: quem tem telhado de vidro não atira pedras ao do vizinho. Moral da história: digam não à violência por intermédio do arremesso de calhaus direccionados ao telhado do vosso vizinho, principalmente se viverem numa casa com um telhado pouco convencional e ineficaz na proteção contra as condições atmosféricas. Este apelo à não violência sobre a pessoa que vive nas imediações da nossa habitação parece-me fraquinho. A única condicionante é não ter telhado de vidro. Em qualquer outra condição o lançamento de pedras ao nosso vizinho parece aceitável. E, daquilo que ouvi dizer, telhados de vidro são raríssimos.

Os vizinhos são pessoas que fazem parte da nossa vida quer queiramos, quer não. Estão sempre presentes nem que seja à janela. Não são necessariamente uma coisa má, o problema é viverem perto demais para o nosso gosto e, usualmente, serem pessoas das quais queremos é distância. Contudo, há bons e maus vizinhos, sendo que, por vezes, o mesmo vizinho pode ser as duas coisas em alturas diferentes. Um bom vizinho é aquele que nem sabemos que existe. Está lá, mas é como se tivesse um código postal diferente. Um mau vizinho é o oposto.

De momento, nada tenho contra os meus vizinhos. Pelo menos, nada suficientemente duro para atirar aos seus telhados. Admito que até aprecio socializar com eles, principalmente dentro de quatro paredes. Das minhas quatro paredes. Faço-o através de música. A música tem a capacidade para chegar a qualquer lugar, especialmente, se o volume estiver no máximo. Dou-lhes muitas vezes a conhecer as minhas músicas preferidas de livre e espontânea vontade. Não espero que me peçam, anticipo-me como bom vizinho que sou. E, esta partilha unilateral de informação parece-me algo saudável para qualquer tipo de relacionamento. Por vezes, e como forma de entretenimento, gosto de os confundir. Com o volume a níveis satisfatórios, in-

tercalo músicas tristes com músicas estupidamente alegres, ou simplesmente estúpidas.

Baladas de rock com letras que falam sobre as saudades de fazer amor na praia com a pessoa que se ama, intercaladas com músicas de reggaeton com letras que falam sobre fazer sexo em qualquer lado com desconhecidos, por vezes, em frente à pessoa que se ama. Acredito ficarem confusos, principalmente, quando o faço depois das duas da manhã numa terça-feira à noite. Ou com o reggaeton. O reggaeton tem a maravilhosa capacidade de confundir as pessoas. Uma coisa sei, também eles são pessoas que apreciam cultura musical diversificada nem que seja involuntariamente.

Os vizinhos podem ser bons ou podem ser maus, mas de uma coisa temos a certeza: estão sempre ao nosso lado. Isto se, vivermos numa moradia geminada. Num apartamento, tanto podem estar por cima como por baixo. Sacanas.

A língua portuguesa é uma coisa maravilhosa. Mas, como quase todas as coisas maravilhosas, também esta tem os seus defeitos. Palavras feias são os defeitos da língua portuguesa. Na minha opinião, a palavra «empenado» é um dos maiores defeitos da nossa língua. É que, para além de ser uma palavra feia, ainda piora o seu estatuto tendo um significado negativo. Podem vasculhar à vontade que não vão encontrar forma de encaixar esta palavra de uma forma positiva numa frase. Nunca ninguém alguma vez disse: «Que linda mulher, adoro o seu nariz empenado»; ou então: «O teu carro anda muito, mas seria muito mais rápido com um pneu empenado»; ou ainda: «Adoro que o meu pénis seja empenado». Nunca. Ninguém. «Empenado» é aquela palavra que só usamos em último caso e quando nos esquecemos de usar o «torto».

«Torto» também não é uma palavra bonita. Não se usa a torto e a direito e, mal aplicada pode até dar para o torto. Mas, ao contrário de «empenado», o «torto» na sua vertente feminina pode até fazer crescer água na boca. Quem não apreciava uma boa torta de noz, ou uma torta de chocolate? Serão poucas as pessoas que não apreciem uma boa torta. No entanto, é garantido que uma empenada (feminino de empenado) – não confundir com empánada, se faz favor - nunca caiu bem no estômago de ninguém, e há até quem tenha relatado casos de azia e/ou vômitos. Claro que «torta» também tem um sentido pejorativo quando usada para descrever outra coisa que não o famoso doce. «Tens uma boca torta» não é algo que faça crescer água na boca, quando muito, significa que não se consegue manter a água na boca, pelo simples facto de ela ser torta. E ninguém deseja ter uma boca torta mesmo que consiga beber água normalmente e sem se babar.

«Enviesado» é sinónimo, mas ao contrário de «torto» e de «empenado», «enviesado» tem um certo charme e categoria que não atinge os anteriores. Qualquer um de nós pode passar por doutor ou por engenheiro se usar a palavra «enviesado» no momento certo.

Dizer: «O projeto de lei que visa transferir a cobrança coercitiva de coimas e multas dos tribunais para a Autoridade tributária parece-me enviesado», é comprar um bilhete só de ida para o mundo dos seres intelectualmente superiores. São poucas as palavras que permitem ao seu locutor ganhar estatuto imediato de inteligente, e «enviesado» é certamente uma delas. Para os ouvintes é pouco credível que alguém que use essa palavra não saiba realmente o que está a dizer. Ninguém diz «enviesado» se não for muito seguro de si. «Empenado», essa palavra tão feia, qualquer um diz.

Existe um provérbio chinês que diz assim: «Se caíres sete vezes, levanta-te oito». Penso que a ideia que se pretende passar com este «lema» é a de não desistir, mas a ideia que realmente passa é que há ali uma falta de equilíbrio demasiado evidente. Talvez seja uma coisa normal na cultura oriental, mas tenho a sensação de que no ocidente não se cai tanto. Para começar, quem cai tantas vezes não pode estar bem. Ou alguém instalou soalho à base de cascas de banana, ou algo bastante mais sinistro poderá estar por detrás de tantas quedas. Cair uma ou duas vezes é um infortúnio que pode acontecer a qualquer um. Cair mais do que isso é sinal de que algo não está bem. Talvez seja um grave problema de equilíbrio. Quem sabe? Mas, para mim, este provérbio sugere de forma subtil, mas inequívoca, o abuso de álcool, ou de outro tipo de substância psicotrópica que afeta diretamente o equilíbrio. E o problema prende-se com o facto de que incentivar um indivíduo alcoolizado a levantar-se nunca é um bom conselho. Será até algo muito perigoso de se fazer. Sou a favor da motivação desde que esta não seja direccionada a pessoas ébrias. Não considero pertinente incentivar um bêbado a levantar-se depois de quedas continuadas. Se estar de pé é um problema, levantar-se nunca pode ser a solução. O ideal neste tipo de situações é manter a calma e entrar em contacto com algum amigo ou familiar para que este o venha buscar antes que volte a cair e se aleije seriamente.

Para além de discordar com este provérbio, há algo que não consigo, definitivamente, ultrapassar. A matemática. A matemática aplicada a estas quedas parece-me inadequada. Fiz as contas muito cuidadosamente e, a verdade é que, os números simplesmente não batem certo. Mesmo para mim, dono e senhor de fracas aptidões matemáticas, parece-me complicado para alguém que cai sete vezes conseguir levantar-se oito. Ora vejamos: caio uma vez, levanto-me. Caí uma vez, levantei-me uma vez. Caio outra vez, levanto-me outra vez. Fazendo as contas, caí duas vezes, levantei-me duas vezes. Prossequindo esta lógica mais ou menos equilibrada acerca de desequilíbrio, parece-me complicado que à sétima queda haja a possibilidade de me levantar uma oitava vez.

O que se passará então com os Chineses? Porque andarão eles a levantar-se mais vezes do que caem? Serão eles, para além de fracos ao nível do equilíbrio, também fracos ao nível da matemática? Em Portugal cai-se com menos espalhafato. Sinto que, apesar de tudo, somos um povo mais equilibrado. Ao contrário dos chineses, os portugueses só se levantam uma vez por cada queda efetuada. Aqui quem cai sete vezes só se levanta sete vezes no máximo, isso é garantido. E se a primeira queda for grande, nem um levantamento é possível de ser feito. Pelo menos de imediato e por meios próprios.

Dizem: «o cliente tem sempre razão». Esta frase é - sem querer culpar o seu autor, nem os seus apoiantes - o principal motivo para eu não abrir um negócio, logo a seguir à falta de capital próprio. A minha vontade de ser empresário esgota-se perante a falta de dinheiro e, principalmente, perante estas palavras tão definitivas em relação ao cliente. Não haver margem para dúvidas relativamente à razão é, de facto, desmotivador para quem ambiciona ser fornecedor ao invés de consumidor. Caso a frase fosse: «o cliente tem quase sempre razão», eu agarrar-me-ia àquela ínfima percentagem em que é possível o cliente não ter razão, com todas as minhas forças e ia em frente. Caso obtivesse algum tipo de financiamento do banco, claro. Mas não, o cliente não tem falhas nem momentos de fraqueza no que diz respeito à razão. É imperativo. É o dono da razão. O cliente parece ser algum tipo de Deus das transações económicas e a religião, seja ela qual for, tem, apesar de tudo, um peso enorme na tomada de decisões. A minha vontade em ter sempre a razão do meu lado, é assim, incompatível com a gerência de qualquer tipo de negócio ou atividade passível de ter clientes. Sinto-me limitado a apenas duas escolhas: ter razão, ou ser um simples empresário desprovido dessa condição. E por muito que eu gostasse de ter um negócio próprio, prefiro não abdicar da razão. Sou apenas humano e, como tal, aprecio muito ter razão. Para já, tenho personalidade de cliente, e não tenciono alterar tão cedo esta minha condição.

Ter razão é muito mais apelativo do que gerir um negócio e estar constantemente banhado em desinformação e insensatez. Ter razão é ter a faca e o queijo na mão e, mesmo assim, poder optar por comer fiambre para não interferir com a minha intolerância à lactose.

Quando compro algo peço sempre fatura com número de contribuinte para, caso seja necessário mais tarde, comprovar a minha condição de cliente e, consequentemente, a minha razão. Certos indivíduos acham-se os donos da razão sem sequer comprar nada. Nada tenho contra quem ambiciona ter razão, mas ca-

ramba, pelo menos comprem qualquer coisinha. Comprem algo, nem que seja o silêncio da outra pessoa, mas comprem. A razão não é grátis. A razão custa dinheiro. E o cliente precisa de dinheiro para ser considerado como tal.

Estamos rodeados por pessoas que se julgam clientes de topo quando na verdade o seu método de compra é baseado em prestações. Nada contra isso, mas a verdade é que a razão é uma só e não pode ser dividida em pequenas parcelas. Ou comprem logo tudo de uma só vez ou abstenham-se de uma vez por todas. Tenho dito.

Sofro de uma condição que me incapacita de opinar sob a forma de rima. Infelizmente conheço várias pessoas que não padecem do mesmo. Dizem palavras a sério ao mesmo tempo que brincam com a sua fonética. Quando ouço alguém dizer: «gordura é formosura», nem aprecio a rima nem aprecio a mentira. Gordura não é formosura. Sei de fonte segura que não o é. Gordura é simplesmente o resultado de muito apetite. Ou então de problemas de tiroide. E isso não é bonito. Com isto não quero dizer que os gordos são feios, mas também não posso aceitar que são todos muito bonitos só porque abusam das calorias e alguém lhes dedicou uma rima. Nem tudo o que rima é verdade e nem tudo o que é verdade, rima. Além do mais, esta exaltação da gordura parece-me um ataque cerrado às pessoas mais magras. A expressão «gordura é formosura» pressupõe que a magreza não o é. E os magros também têm direito à beleza. Também eles podem ser bonitos sem ter de engordar vinte quilos em nome do seu bem-estar estético. Eleva-se a gordura a um ponto de beleza tal que os problemas de saúde associados a esta não são tidos em conta. Só a formosura interessa. Os diabetes, hipertensão e o colesterol alto que esperem porque a beleza vem sempre em primeiro lugar.

Outra rima: «Entre marido e mulher não se mete a colher». Em que fase da nossa história terá sido significativa a inserção de talheres em matrimónio alheio ao ponto de ser necessário este aviso? E porquê esta proibição específica à colher? Talvez porque garfo não rima e faca não soa bem. O problema é que o uso de facas no casamento parece ser mais comum do que o uso de qualquer outro talher. Facadas entre marido e mulher são muito usuais até. Mas, tudo depende da forma como se usa esse magnífico talher. Uma facada no matrimónio provoca dor, mas uma facada no abdómen provoca muito mais. Uma facada no matrimónio pode levar a um divórcio, mas uma facada no abdómen pode levar ao hospital. Há que saber dar facadas e não esfaquear ao acaso e desenfreadamente. A maravilhosa rima anterior sugere que não se meta a colher, deixando à disposição os talheres mais afiados, o que me parece bastante imprudente. Parece um desastre à espera

de acontecer. E, para piorar, a criatividade do ser humano não se deixa intimidar por um simples aviso só porque este, rima.

Rimar é uma arte que não querem deixar morrer. Rimam como se não houvesse amanhã tentando encontrar na rima a sabedoria perdida. Rimem menos e acertem mais, larguem as tradições e sejam originais. Peço desculpa, esta foi sem querer.

Sou intolerante à lactose e a idiotas. A parte boa é que a lactose eu consigo evitar. A lactose é, por norma, um nutriente calmo e discreto que existe sem interferir diretamente com a minha vida. Está lá, mas apenas se eu quiser. É facilmente re-freada. Basta olhar para o lado e a lactose desaparece. O mesmo não acontece com os idiotas. Neste caso, olhar para o lado poderá levar à observação de ainda mais idiotas. Eles, para além de serem muitos, parecem estar estrategicamente organizados para desta forma serem avistados a toda a hora e em qualquer lugar. Alguns até brilham no escuro. O controlo da situação é, desta forma, inexistente. Desconheço uma técnica eficaz para evitar este tipo de pessoas que primam pela patetice. Acredito até ser uma façanha de impossível concretização. Idiotas estão mesmo em todo o lado e, de certa forma, seria até imprudente negar tal evidência. Estão à nossa volta e usualmente são bem mais difíceis de digerir do que lacticínios.

O maior problema dos idiotas é não saberem que o são. Isso faz com que, para além de idiotas, sejam também ignorantes. Um mal nunca vem só e a idiotice e a ignorância optam por passear de mão dada como boas amigas que são. Há quem diga que a ignorância é uma bênção, mas neste caso parece tratar-se mais de uma maldição. Ignorar a própria idiotice traz, obviamente, consequências nefastas que resultam em idiotice infinita. E se pouca idiotice já é idiotice a mais, idiotice infinita é, literalmente, idiotice que nunca mais acaba.

A idiotice nunca é uma coisa boa a não ser que seja isolada. Idiotice isolada é, na maior parte dos casos, inofensiva para os demais. É tipo karaoke, só prejudica realmente quem pratica. Quando acontece, seja idiotice ou karaoke, podemos decidir se prestamos atenção ou não. A escolha é nossa e a decisão final também. Quando optamos pela sua contemplação é porque algum tipo de aborrecimento ou ócio se abateu sobre nós. O máximo que poderemos obter será fraco entretenimento e, talvez um ligeiro arrependimento no final, facilmente esquecido com a subs-

tituição por outra idiotice avulsa qualquer. Mas, é garantido que saímos mais ou menos ilesos. O problema surge quando a idiotice é dirigida.

A idiotice dirigida não se parece nada com karaoke. Pode provocar ruído semelhante, mas o seu impacto negativo é muito maior e não afeta apenas a nossa audição. Não dá para evitar esse tipo de idiotice. Ela bate-nos à porta, persegue-nos na rua, abraça-nos sem autorização. E a culpa desta idiotice é, obviamente, dos muitos idiotas que nos rodeiam.

«Chapéus há muitos, seu palerma» disse Vasco Santana. É verdade, chapéus há, realmente, muitos. Mas tenho a sensação de que idiotas há ainda mais. E o problema é que muitos deles andam por aí de cabeça destapada. Cuidado.

Tenho medo das alturas. Principalmente das alturas em que chegam a casa contas para pagar.

Concordo com as pessoas que não querem vacinar os seus próprios filhos. Também eu acho melhor serem vacinados por pessoas mais competentes, tipo médicos ou enfermeiros.

É estranho pedir dinheiro emprestado a um desconhecido, mas é ainda mais estranho pedir para que ele nos ajude a enterrar um corpo.

Quem casa por dinheiro não é feliz. Quem casa pela igreja, por vezes, também não é.

Óculos para ver bem ao perto são inúteis se nos distanciarmos um pouco.

Preservativos com sabor servem para adoçar o bico, literalmente.

A meia-maratona, apesar de tudo, tem fim.

Atenção brasileiros, um trem de cozinha não é um meio de transporte doméstico.

Pessoas com nariz grande cheiram melhor do que as outras, principalmente se tomarem banho e usarem um bom perfume.

Qualquer alcoólico que eu não conheça, para mim, é um alcoólico anónimo.

Desinfetantes que eliminam 99% das bactérias são bons, mas deixam um pouco a desejar.

Um quilo de drogas leves pesa tanto quanto um quilo de drogas pesadas.

É possível ter-se pé de atleta sem nunca se ter praticado desporto.

Ver mal ao perto é meio caminho andado para se ver mal ao longe.

Infelizmente a geometria não se debruçou o suficiente sobre os triângulos amorosos.

Sempre que alguém deixa a droga, eu espero que a deixe num local seguro e fora do alcance de crianças.

Consigo perceber quando as pessoas já estão mortas por dentro. Normalmente é através do seu hálito.

Pessoas com astigmatismo e miopia não veem certas coisas com bons olhos.

Um sofá de canto, apesar de tudo, mantém-se calado a maior parte do tempo.

O Titanic foi um navio de topo que acabou no fundo.

Pessoas com déficit de atenção tendem a distrair-se com mais facilidade.

Ser mãe cedo é ter um filho aos quinze anos, ou então, ter um filho antes das oito da manhã.

Ser bissexual não é ser sexual duas vezes.

Passado é passado, mas mal-passado sabe melhor.

Estamos em pleno século XXI mas, ao que parece, ainda há pessoas que usam numeração romana. Enfim.

Se há coisa que não aprecio são músicas que terminam em «fade out». Para quem não está familiarizado com os termos técnicos, estas são aquelas músicas que não têm um fim concreto. O volume da música vai baixando lentamente até que esta se extinga por completo. Mas, afinal o que vem a ser isto? Coisas que acabam sem ter um fim? Por princípio, não aprecio estes finais. Dá a sensação de que o seu compositor não conseguiu finalizá-la, mas mesmo assim fez questão de que toda a gente a ouvisse. «Tomem, apreciem este belo aglomerado de notas musicais que não consegui terminar, mas que, apesar de tudo, está muito bonito. Juro que a tentei terminar, mas já está bonita assim, acreditem. A parte inicial e a parte do meio estão tão boas que decidi repeti-las até à exaustão, até que alguém baixe o volume por achar que já repetiu vezes demais ao ponto de ter satisfeito o ouvinte. Tomem, apreciem esta obra-prima inacabada, vão gostar. Tenho mais músicas, algumas delas completas e com um final concreto, mas esta aqui vai assim, porque agora tenho de tratar de assuntos mais importantes».

Esta excentricidade em criar algo sem um fim parece só estar ao alcance de músicos e outros artistas de variedades contemporâneos. Para um comum mortal deixar algo a meio é sinónimo de preguiça e falta de empenho. Para um músico é sinal de genialidade e aumento da sua conta bancária. Apresentam um produto inacabado sem qualquer tipo de garantia legal para o consumidor e ainda conseguem lucrar com esse modelo de negócio. Esta situação está um patamar acima de um verdadeiro negócio da China. Provavelmente, será mesmo um negócio de todo o continente asiático.

Ao longo da minha vida já deixei várias coisas a meio. Sinto até que tenho um certo dom para não concluir coisas, em geral. Mas, para meu descontentamento, nunca algo que não terminei foi alvo da atenção de alguém. Pelo menos alvo de atenção positiva, que é o meu tipo de atenção preferida. Sempre que adoto a arte – que pelos vistos não domino – de deixar algo inacabado, é-me re-

jeitado imediatamente o estatuto de artista. Que fique claro que não ambiciono obter esse estatuto. Mas, seria simpático sempre que não termino alguma coisa, receber algo mais que não críticas negativas e até cortes a nível salarial. Seria bom sentir-me completo deixando algo incompleto. Gostava de ter esse privilégio pelo menos uma vez na vida.

Para os escritores a situação também não é fácil. Escrever algo com uma boa introdução, um bom desenvolvimento, e um final em que as letras se comecem a repetir e a desvanecer ao ponto de se tornarem ilegíveis, também não parece ser viável. Na escrita não se pode fazer batota como na música. As frases têm de ter sempre um princípio, um meio e um

Quando alguém disse que o cão era o melhor amigo do homem, certamente não se estava a referir ao cão do meu vizinho. O cão do meu vizinho não é amigo de ninguém em particular, muito menos do homem em geral. É aquele tipo de cão que não dá importância nenhuma à amizade que possa florescer entre um ser humano e um canídeo. Faz questão de demonstrar isso através de apertos mandibulares a quem se aproximar. Penso que, será até contra a amizade com outros canídeos, visto que, já o vi a tentar almoçar um. A forma como ladra perante humanos é exatamente igual à forma como ladra perante os seus pares. Ladra com superioridade como se usasse coleira branca. É cão, mas a altivez é de gato.

Gosto de cães, não tanto quanto gosto de cachorros, mas ainda assim gosto bastante. Prefiro demonstrar esse afeto não usando o palato, mas cada um se expressa como sabe. Não tenho cão por questões de matemática. Fiz as contas e o resultado obtido diz-me que não desejo apanhar cocó. Apanhar cocó do chão a troco de uma companhia canina, por mais fiel que ela possa ser, dá igual a zero. Nem nos momentos em que me senti mais solitário, a apanha de cocó alheio foi sequer uma opção colocada em cima da mesa. Ao longo da minha vida já apanhei por merdas que fiz, mas recuso-me a apanhar merdas que não fiz. É uma questão de princípio que, para já, não abdicó.

No campo da higiene pessoal os gatos têm vantagem sobre os cães. São mais subtis e organizados. Arrumam o seu próprio cocó como ninguém. Tratam dele como se estivessem a esconder o corpo de alguém que acabaram de assassinar a sangue-frio. Mas, depois deitam a perder essa vantagem com a sua arrogância felina. Julgam-se os reis da selva urbana só porque caem sempre de pé e fazem panados de excrementos. Não fazem cocó no chão, mas cagam, inequivocamente, para nós. Por sua vez os cães não cagam para nós, mas tornam-nos responsáveis pelas merdas que fazem. Quanto maior for o cão maior é a responsabilidade e o tamanho do saco de plástico. Compreendo que a amizade possa não ter limites, mas passear com um saco cheio

de merda do nosso amigo na mão, definitivamente, ultrapassa os meus.

Tenho poucos amigos, mas, nenhum deles teve até hoje, a ousadia de defecar perante mim. Podem não ser tão fiéis como um cão, mas compensam esse facto efetuando as suas necessidades fisiológicas nos locais apropriados para o efeito, e responsabilizando-se inteiramente pelas cagadas que fazem.

A amizade não tem limites, mas certas merdas têm.

Não confio em mágicos. Infelizmente, os mágicos são pessoas que estão constantemente a esconder algo e esse tipo de atitude mesquinha faz-me perder a total confiança em pessoas que fazem parte dessa categoria profissional. Prefiro pessoas transparentes. Ou então malabaristas. Os mágicos são demasiado opacos para o meu gosto e em vez de arremessar bolas, preferem fazê-las desaparecer. Para além de não conseguirmos ver através deles, ainda fazem questão de nos iludir com as suas artimanhas. Parece que sentem prazer em ludibriar os outros e não olham a meios para o conseguir. Só para impressionar uma audiência, alguns tiram, literalmente, coelhos de uma cartola. Mas, a mim não me impressionam. Nem eles, nem os coelhos. Talvez me impressionassem se, ao invés de coelhos, tirassem um pónei ou uma zebra bebé. Tenho um carinho especial por equídeos de baixa estatura e não me deixo deslumbrar facilmente por animais que tanto podem ser de estimação como de degustação.

Os mágicos para além da sua fraca credibilidade enquanto seres-humanos, vestem-se mal. Sinto mesmo que arruínam a sua reputação duplamente. Primeiro, não sendo confiáveis, e segundo, porque decidiram incluir a capa na sua indumentária. O uso de capa não inspira qualquer tipo de confiança nos demais. Trata-se de um simples pedaço de tecido que se limita, somente, a tapar as costas do seu detentor. Nem fica bem nem fica mal, fica bem mal. Para além disso acho um abuso e falta de respeito o uso de capa por outra entidade, que não, um super-herói. Um super-herói fica sempre bem de capa. Um mágico é igual, mas ao contrário. Para mim, só pessoas com superpoderes e aptas a salvar o mundo é que poderiam usar capa. E, como todos sabemos, os mágicos nunca irão salvar o mundo porque estão demasiado ocupados a fazer desaparecer ases de copas e moedas de vinte cêntimos. O máximo que poderão fazer, será mesmo, provocar um pequeno défice de moeda, e arruinar uns quantos jogos de sueca. Salvar um planeta é muito mais do que, simplesmente, interferir com a unidade monetária e inutilizar alguns baralhos de cartas. Pensando bem, esse tipo de manobras obscuras poderá até ser considerado crime.

Como se a capa não fosse suficiente, estes, decidiram-se também pelo uso de luva branca. Fazer desaparecer coisas com as mãos em pelota não era suficiente para estes ilustres artistas. Como tal, optaram pelo uso de vestimenta branca para mãos. Não será bem uma questão de estilo, será, certamente, falta dele.

Os mágicos são assim pessoas duvidosas que se vestem de forma duvidosa e praticam atos duvidosos. Não tenho qualquer tipo de dúvida quanto a isso. Duvido, porém, que eles consigam fazer desaparecer esta minha opinião acerca deles. Podem ser muito bons a tirar coelhos da cartola, mas de mim, o máximo que tiram é a certeza de que não confio neles. Falsos.

Segundo especialistas, a agricultura tem evoluído bastante nos últimos anos. Esta atividade incluída no sector primário evoluiu ao ponto de já ser possível, vejam só, semear o pânico. Semear batatas já pertence ao passado. O futuro da agricultura passa agora por semear o pânico. Ao que parece, o plantio de medo e ansiedade, para além de ser agora uma realidade, é também praticado em grande escala e a nível mundial. Praticamente todos os dias surgem notícias de destaque sobre estes agricultores de sentimentos negativos. Quem semeia favas, colhe favas; quem semeia o pânico, colhe audiência televisiva. É esta a tendência. Semeia-se o pânico em qualquer lado porque, ao que parece, qualquer terreno é fértil para esse efeito. Atualmente, semeadores de pânico brotam por todo o lado talvez regados por falta de cultura e educação e banhados por uma fraca exposição solar. De momento, semear outra coisa que não pânico, não parece despertar interesse nem curiosidade em semeadores profissionais e amadores. Semear batatas, outrora ex-líbris da agricultura, tornou-se numa arte secundária e, em alguns lugares, até obsoleta. O semeio deste tão conhecido tubérculo já não causa qualquer tipo de impacto nas pessoas sendo, de certa forma, até ostracizado no universo do semeio. A verdade é que, semear batatas já nem sequer é notícia, enquanto semear o pânico tem honras de abertura de qualquer telejornal. E a que se deve este súbito aumento de pânico semeado? São vários os fatores que levaram ao aumento desta atividade, sendo que, o principal será o de ser possível colher os resultados na hora. Quem semeia pânico colhe os resultados instantaneamente, não há qualquer período de espera nem a dependência de condições meteorológicas menos adversas. Semear o pânico é o fast-food da agricultura. É rápido, prático e eficaz, sendo que, ocasionalmente provoca azia.

Para se semear favas é necessário um solo fértil com boa exposição solar e que esteja protegido de ventos fortes. Para se semear o pânico, não. Para se semear batatas é necessário um solo leve, bem estrumado e com boa drenagem de humidade. Para se semear o pânico, não.

Para se semear cenouras é necessário um solo ligeiramente arenoso e profundo, e temperaturas entre os 10°C e os 21°C. Para se semear o pânico, não. Semear o pânico parece não ter condicionantes, o que facilita a tarefa dos interessados. O indivíduo que semeia o pânico, normalmente, carece de qualquer tipo de experiência profissional, basta-lhe carteira de idiota. Qualquer um o pode fazer, sendo que, o nível de habilitações exigido é relativamente baixo. Por norma, esta arte é dominada por pseudointelectuais. Julgam-se os melhores por semear o pânico, mas não percebem que, nem para semear batatas servem.

Um otimista diz: o copo está meio cheio. Um pessimista diz: o copo está meio vazio. Eu, antes de formalizar a minha opinião, pergunto: mas afinal o que está dentro do copo? Não sei se sou otimista ou pessimista, mas sei que sou curioso. E, para um curioso como eu é inconcebível não haver dados concretos acerca do que se encontra dentro do copo. Discute-se sobre se o conteúdo é muito ou pouco, mas não há conteúdo acerca do conteúdo. Para mim, mais importante do que saber se o que está dentro do copo é muito ou pouco, é o que se encontra dentro dele. Depois disso, talvez até saber de quem é o copo e, só no fim, opinar acerca da quantidade.

Ao que parece, a decisão sobre o otimismo ou pessimismo de uma determinada pessoa resume-se à sua interpretação de bebidas. A temperatura mede-se em graus, a distância mede-se em metros, o estado emocional mede-se em líquidos dentro de copos. Uma opinião pessoal sobre o conteúdo de um recipiente é o suficiente para sermos catalogados quanto à nossa forma de encarar a vida. Se eu vir líquido a mais sou otimista, se eu vir líquido a menos sou pessimista. Se eu o beber, ninguém saberá o que sou. Podem retirar conclusões acerca da minha sede, mas nunca acerca das minhas inclinações emocionais. Serei, portanto, algo que não interessa a esta ciência que dá primazia à observação e que despreza a hidratação.

A verdade é que, na sua generalidade, as pessoas ou são otimistas ou são pessimistas. As otimistas são pessoas positivas. São pessoas que, normalmente, veem a luz ao fundo do túnel. Apesar de tudo, são desconhecidas as razões que levam estas pessoas a espreitar constantemente por passagens subterrâneas. No fundo (não do túnel, como seria expectável), sabe-se apenas que estas pessoas, para além de verem o lado positivo da vida, são também frequentadoras assíduas de túneis bem iluminados no seu término. Os pessimistas, por seu lado, só vislumbram escuridão. Não frequentam túneis, mas, segundo eles, podem ser facilmente encontrados no fundo do poço. E, imagino que por lá a claridade

seja coisa que não abunde. Para eles, o copo está quase sempre meio vazio, no entanto, não aproveitam o facto de se encontrarem dentro do poço para extrair água em quantidade suficiente para finalmente encher o tal copo.

São pessimistas, e no fundo (mesmo estando no fundo do poço) não demonstram qualquer interesse em resolver o seu estado emocional.

Portanto, de uma forma geral, a decisão sobre o otimismo e pessimismo assemelha-se ao alcoolismo, é tudo uma questão de copos. A única diferença é que aqui ninguém mata a sede pois estão demasiado ocupados a matar a cabeça tentando perceber se o raio do copo está meio cheio ou meio vazio.

Admiro pessoas que sabem nadar de costas. Nadar demonstra destreza física, mas nadar de costas parece ter outro encanto. Para além de demonstrar destreza física demonstra também uma certa graciosidade. E graciosidade aliada à destreza física torna tudo mais bonito e interessante no que à natação diz respeito. Mas, se há coisa desprovida de graça e interesse, essa coisa é a minha forma de nadar. Nunca nadei de costas porque tenho as minhas prioridades. E uma delas é aprender a nadar de frente primeiro. A minha capacidade para nadar está diretamente ligada ao meu instinto de sobrevivência. Consigo manter-me à tona os segundos suficientes para gritar por ajuda. Mais do que isso é o excesso de água nos pulmões   coisa para atrapalhar um pouco. Penso mesmo que a única coisa que me impede de afogar não se prende com o meu instinto de sobrevivência, mas sim com a minha habilidade, inequívoca, para me manter afastado de locais com água acima dos joelhos. Sou extraordinariamente competente a evitar água com níveis de profundidade acima das minhas rótulas e das minhas capacidades náuticas. Adoro piscinas, mas apenas de um ponto de vista arquitet nico.

Penso que o ser humano não foi feito para nadar. Mas a verdade é que também não foi feito para correr maratonas, e o que não falta são pessoas a correr 42 quil metros e 125 metros só por desporto. Por mais estranho que me possa parecer há pessoas que, efetivamente, se mexem mesmo sem serem obrigadas a tal. No que diz respeito à arte de sobrevivência sobre a água, a primeira pessoa que se lembrou de nadar arriscou bastante, mas a primeira pessoa que se lembrou de nadar de costas arriscou ainda mais. Enfrentar o perigo   um ato de coragem que deve ser louvado, mas virar as costas ao perigo   um ato de desprezo que não pode nem deve ser ignorado. E, desprezar o perigo parece-me uma atitude bem mais inteligente do que propriamente enfrentá-lo. Os forcados, por exemplo, são o tipo de pessoas que enfrentam o perigo. Pegam o touro de frente e, como tal, podemos afirmar sem qualquer tipo de dúvida que são corajosos. Já eu, prefiro evitar touros. Desprezo-os indubitavelmente. Posso não ser tão corajoso como um forcado, mas esta minha atitude perante a vida   bovina que

não conheço de lado nenhum, garante-me uma proteção mais completa e eficaz contra cornadas indesejadas de outrem.

Posso mesmo orgulhar-me de nunca ter levado uma cornada. Entre coragem e falta dela, eu opto por não ter o abdómen perfurado. E pessoas com abdómens intactos são, por norma, pessoas que desprezam o perigo. E, pessoas que desprezam o perigo são, sem qualquer tipo de dúvida, pessoas mais inteligentes.

Quem nada de costas tem assim a minha admiração. A forma elegante com que evitam o afogamento, aliada ao desprezo que têm pelo perigo é deveras graciosa. E se nadar não os assusta, nada assustará. Nada. Nada. Nada.

«Idóneo» é uma palavra que, assim de repente, poderia ser simplesmente o nome do senhor da mercearia. Se algum dia eu dissesse: «vou ali comprar uma fruta à mercearia do senhor Idóneo», certamente ninguém acharia estranho. Provavelmente até me pediriam para trazer umas nectarinas e uns dióspiros madurinhos. «Idóneo» tem todas as características para ser um nome bastante credível para um proprietário de uma mercearia num canto qualquer. Mas, «idóneo», contrariando todas as suas características aplicáveis a detentores de negócios locais, é apenas um simples adjetivo. Bonito, mas simples. O adjetivo «idóneo» está diretamente relacionado com integridade e honestidade. Só este facto afasta desde logo a possibilidade de ser usado para classificar vendedores de automóveis e políticos. Mas, apesar desta evidente contrariedade, os políticos acabam por ser os maiores utilizadores deste tão belo e interessante adjetivo. Os vendedores de automóveis, nem tanto. Por norma, os políticos usam-no para se classificarem a si mesmos ou classificar algum colega de profissão. Mais tarde, esse colega irá retribuir o favor sob a forma do mesmo adjetivo, ou então, algum adjetivo semelhante. Por vezes optam pelo silêncio, mas acabam por retribuir esse favor com a oferta de algum cargo importante para o qual haveria a necessidade de ser preenchido por alguém que fosse, efetivamente, idóneo. A ironia.

Se há alguém que dá má fama à palavra «idóneo», esse alguém, muito provavelmente estará equipado de fato e gravata e terá convicções partidárias de algum tipo. Alguns não usam gravata para passarem despercebidos, mas as suas contradições acabam por denunciá-los, mais cedo ou mais tarde. Desde a esquerda até à direita, usa-se esta palavra para se seguir somente em frente sem fazer desvios para os lados. Em frente é o caminho.

A verdade é que, qualquer um pode ser idóneo, mas ser idóneo não é para qualquer um. Ser idóneo requer princípios, coisa que fica complicada quando se quer atingir determinados fins. E há fins que não são alcançáveis, de todo, quando se tem princípios. Há mesmo quem se perca a meio.

Dizer que alguém é idóneo pode colocar em causa a nossa própria idoneidade. Ou o dizemos porque realmente acreditamos nisso, ou dizemos para que os outros acreditem nisso. Quando o dizemos porque acreditamos nisso, corremos o risco de nos enganar. Quando o dizemos para que os outros acreditem nisso, corremos o risco de não os enganar. E assim, perdemos sempre.

Há pessoas completamente adaptadas a viver em sociedade. Depois, há pessoas que usam autocolantes nos seus próprios veículos. Este mundo é rico em variedade, mas, em excentricidade adesiva automóvel parece já ser milionário. Colar algo no seu próprio meio de transporte é uma forma de afirmação. Quem o faz, afirma que não está bem. Talvez nem seja doença, talvez seja apenas expressão artística. Mas, a verdade é que a arte e a loucura andam muitas vezes de mão dada.

Sempre que vejo um autocolante num automóvel, a única conclusão que retiro é que ninguém está livre do desvairo. O discernimento é como o dinheiro, infelizmente também se perde. E ninguém fica mais rico quando perde uma destas duas coisas, se bem que, perder dinheiro custa sempre um pouco mais.

Há autocolantes de carros para todos os gostos. Sim, porque mau gosto, não deixa de ser um tipo de gosto. Desde imagens até pequenas frases, tudo é possível de ser encontrado num para-choques alheio perto de si. Mas, de todos, o meu preferido é o clássico «Bebé a bordo». Atenção que este autocolante não é meramente decorativo. É usado com o objetivo de sensibilizar os outros condutores a ter mais cuidado e atenção na sua condução, para desta forma evitar acidentes com o seu detentor. Este autocolante tem assim como finalidade, evitar condução perigosa sob a ameaça de haver um bebé a bordo no carro da frente. Pessoas que, outrora, embateriam no carro da frente por descuido ou falta de habilidade para a condução, transformam-se em autênticos pilotos profissionais sempre que veem o autocolante informando da presença da cria de ser-humano. Este autocolante transforma selvagens do volante em exímios condutores. É um verdadeiro abre olhos. Consta-se até que, em zonas em que este autocolante não é avisado, as pessoas conduzem de forma descuidada e sem qualquer tipo de atenção, tendo forte tendência para embaterem nos veículos à sua volta.

São demasiadas as vezes em que acontecem acidentes a torto e a direito, só porque não há nenhum bebé a bordo nas imedia-

ções. Bater no carro da frente de forma desgovernada é o pão nosso de cada dia em locais onde não circulam carros com o clássico autocolante.

A selvajaria instala-se e é ver os bólides a destruir tudo à sua volta. O autocolante do «Bebé a bordo» veio para combater a sinistralidade. Tem um propósito: colocar os bebés na linha da frente (mas sempre nas suas cadeirinhas) para a prevenção rodoviária.

Gostaria apenas de fazer um pedido a todos os utilizadores deste autocolante: façam o favor de o retirar ao fim de dois anos de uso. É que, o bebé já está crescido; o autocolante já está muito desbotado; e as pessoas podem querer conduzir à bruta ao ponto de provocar sinistros e não podem. Agradeço a compreensão.

Recentemente, e por falta de opções válidas, assisti na televisão aos jogos olímpicos. Contemplei, então, um desporto olímpico intitulado «lançamento do martelo». Foram três minutos muito intensos, mas, depois de interiorizar que o arremesso de ferramentas é um desporto, decidi fazer uma pausa para desanuviar.

O lançamento do martelo é um desporto que consiste em atirar o mais longe possível uma esfera de metal. Quem diria que atirar objetos aleatórios o mais longe possível poderia um dia vir a ser considerado um desporto? Tanta coisa já atirei eu. Num mundo mais justo todas as coisas que já atirei ao longo da minha vida dariam certamente para obter algum tipo de equivalência como atleta de topo. A verdade é que não sou nenhum atleta, nem de topo, nem mesmo de sopé. Pelos vistos tudo o que atirei foi em vão. Toda a minha pontaria e, por vezes, a falta dela só me trouxeram problemas, ao invés de fama olímpica. Todos os meus lançamentos foram considerados inválidos mesmo os daquelas pedras que acertaram em cheio nas galinhas da minha vizinha. Alguns animais foram magoados neste processo, mas, no final a mágoa maior foi minha porque não consegui completar a minha transição de pequeno bárbaro para grande atleta olímpico.

O lançamento do martelo, para além de ser uma modalidade desportiva estranha, é também uma modalidade desportiva enganadora. O que se lança não é propriamente um martelo, mas sim uma esfera de metal presa por um cabo de aço. Parece que este desporto tem dois objetivos bem definidos: lançar esferas para longe e lançar areia para os olhos dos espetadores. Seriam dois objetivos nobres se não carecessem de nobreza. Levar com um martelo na cabeça aleija por fora, mas descobrir mais tarde que afinal não se trata de um martelo, aleija por dentro.

Diz-se que nas olimpíadas da Grécia antiga o que realmente se lançava era um martelo. Mas, há um problema com o nome deste desporto agora, que não havia na Grécia antiga. Esse problema prende-se com o facto surpreendente (para os mais distraídos) de já não estarmos na Grécia antiga. Estamos aqui e agora. E no

mundo moderno não se lançam martelos por desporto. No presente, quando se lança um martelo, o objetivo é partir a cabeça a alguém e não ganhar uma medalha de ouro.

Do que sei, a atualização do nome deste desporto para «lançamento da esfera» nunca foi sequer equacionada. Há um receio evidente de afastar deste desporto aquele extenso grupo de pessoas que preferem o lançamento de ferramentas ao lançamento de objetos arredondados.

O problema é que, atualmente, lançar um martelo pode, em determinados casos, ser considerado crime. E, continuar a enganar as pessoas e não atualizar o nome deste desporto é, na minha modesta opinião, um ato também ele criminoso.

Certa vez disseram-me: «Quem nunca esteve perto de se afogar nunca teve uma infância completa». Mas eu desconfio disso. Imagino até que um pré-afogamento seria meio caminho andado para que não pudesse, efetivamente, completar a minha infância, ao invés de a completar. Se a completei foi precisamente porque não me afoguei. Pessoas que acusam outras de terem infâncias incompletas são pessoas, de certa forma, infantis. A minha infância foi tão completa como a de qualquer outra pessoa que tenha ultrapassado essa etapa. Se neste momento estou aqui é porque completei com sucesso essa fase da minha vida. Ninguém completou mais infância do que eu só porque teve o azar de ter algum azar ou foi estúpido ao ponto de ter cometido alguma estupidez. Eu completei a minha com todo o mérito e, como tal, não aceito que desvalorizem esse acontecimento, só porque não bebi tanta água do mar como eles.

Cresci com toda a competência. Apesar de tudo, sei que crescer não é assim tão simples quanto isso. As pessoas mais baixas que o digam. Sim, eu sei, tenho a perfeita noção de que crescer não se limita apenas ao aumento de estatura. Crescer vai muito além do dilatamento físico. Crescer é um processo muito mais complexo. Nos dias que correm é tão fácil encontrar pessoas baixas que não conseguiram crescer, como pessoas altas que não chegaram a crescer. As primeiras não conseguiram combater a genética, as segundas não conseguiram combater a ignorância. Cada um com as suas batalhas.

Crescer apenas por fora não é, de todo, suficiente para se obter um crescimento total e satisfatório. É certo que facilita a prática do basquetebol, mas atrapalha um bocado quando o objetivo não é enfiar uma bola num cesto que se encontra a determinada altura. Crescer apenas por fora é ser grande, mas pequeno ao mesmo tempo. É conseguir chegar à prateleira dos medicamentos, mas optar por comer uma bolacha quando se tem dores de cabeça. Por sua vez, crescer apenas por dentro é, de facto, mais compensador a longo prazo. Invalida todas as hipóteses para se

seguir uma carreira como guarda-redes de futebol profissional, mas, no fundo, permite fazer outro tipo de defesas que não de bolas rematadas pelos adversários. Conseguir defender a posição e honra é, sem dúvida, mais importante do que manter as redes de uma qualquer baliza invioláveis.

A defesa pessoal e intelectual depende mais do crescimento interior do que exterior, logo, pessoas mais baixas não devem desesperar.

De todos os tipos de crescimento, crescer como um todo é o mais complicado. Para tal acontecer, o interior tem de acompanhar o exterior. Quando é a genética que não permite, é mau. Quando é o próprio indivíduo que não permite, é ainda pior.

No fundo, crescer não é para quem pode, é para quem quer.

Jogar futebol de rua é, talvez, uma das melhores atividades que uma criança pode experimentar na sua vida. Infelizmente, é uma atividade lúdica a cair em desuso nos dias que correm. As novas tecnologias vieram, aos poucos, substituir esta brincadeira que, tanto pode resultar em alegria pura, como em atropelamento. A socialização, confraternização e atividade física estão entre os seus maiores benefícios. O risco de colisão com um automóvel será, talvez, o seu maior contra. A verdade é que, não é qualquer jogo de futebol que pode acabar com um jogador debaixo de um Renault Clio.

Esta brincadeira, apesar de parecer despida de normas ao olho de quem a observava, dispunha (no tempo em que eu a praticava) de um vasto leque de regras e diretrizes. Algumas pré-estabelecidas, outras tácitas, e outras inventadas na hora porque davam jeito aos intervenientes. Apesar de tudo, existia ordem naquele caos. Podíamos ser selvagens, mas jogávamos futebol na rua, não na selva.

Para que um jogo destes se concretizasse bastava haver uma bola e no mínimo dois elementos. Mas, quantos mais elementos, melhor. Não era permitido suplentes, logo, o desequilíbrio numérico era uma constante. Nesses casos, era obrigatório, o melhor jogador fazer parte da equipa com menos elementos. Quando o número de elementos era par, os dois melhores jogadores escolhiam, um a um o resto da equipa. Ser escolhido em último era, de certa forma, uma evidência de um futuro auspicioso na área de informática. As balizas eram feitas com qualquer material encontrado no local, sendo muito usual haver balizas constituídas por lixo deixado pelos transeuntes. Não havia trave por questões de logística. Golos de chapéu eram uma raridade, visto que, a validação do golo era definida pelo braço esticado do guarda-redes. Se ele não chegasse à bola não era considerado golo. Normalmente, os mais gordos iam à baliza, mas nunca por vontade própria. Excesso de peso era, portanto, garantia de titularidade entre os postes. Ou entre as pedras, ou entre latas de refrigerante velhas.

Remates fortes eram expressamente proibidos através do uso de uma expressão que normalmente precedia o início do jogo: «não vale bojardas». O autor de remates que levassem o esférico para mais de dez metros da zona de jogo ficava automaticamente encarregue de o ir buscar sob a ameaça de não jogar mais, caso o voltasse a fazer.

O jogo podia ser interrompido a qualquer momento, sendo a passagem de veículos no terreno de jogo, o principal fator dessa interrupção. Não existiam árbitros. As faltas só eram marcadas se o lance fosse muito claro, se alguém começasse a chorar, ou se alguma perna partisse. O jogo só terminava de uma de duas maneiras: ou quando estivessem todos cansados, ou quando o dono da bola se chateava e decidia ir embora. O tempo das partidas, variava assim, entre os cinco minutos e as três horas e meia, com ou sem intervalo.

As minhas estatísticas pessoais são: Golos marcados:782, dos quais, 1 com a cabeça, 1 com o pé esquerdo, 80 com o pé direito, e 700 com o calcanhar. Atropelamentos: 0.

Sinto que as pessoas, em geral, dão demasiada importância à prisão de ventre. Algo que se assemelha a um superpoder é visto como algo negativo pela maioria da população. Penso que, até hoje, ainda não se perceberam as verdadeiras potencialidades de uma boa prisão de ventre. Com prisão de ventre é possível fazer quase tudo. Dentro desse universo de possibilidades, é possível: pilotar um avião, fazer ski, jogar xadrez ou até fazer uma mini-maratona. A primeira, se estiver habilitado a pilotar, a segunda se houver neve e tiver o equipamento necessário, a terceira se souber jogar, e a quarta se gostar de correr, mas acha que a maratona é um exagero. Tudo isto e muito mais é possível de ser feito com prisão de ventre, espante-se. A prisão de ventre dá às pessoas uma liberdade de ação tão grande que deveriam mudar o nome dessa condição para «liberdade de ventre». Mas, esta liberdade é entendida pela maioria dos seus detentores como um verdadeiro problema. Só uma coisa não é possível de se fazer e, por incrível que pareça, as pessoas preferem focar todas as suas energias nessa condição. É típico do ser humano dar sempre mais importância aos aspetos negativos e insignificantes e essa mentalidade não é fácil de mudar. Para além desta negatividade, outra característica que me desagrada nos portadores dessa condição é a necessidade urgente de «deitar tudo cá para fora». Parece que toda a gente à sua volta tem de saber que, apesar de tudo, eles não conseguem «deitar tudo cá para fora».

Reconheço, apesar de tudo, que nunca tive prisão de ventre, a não ser intencional. Gosto de resolver os assuntos do meu foro privado no conforto de minha casa e, como tal, houve alturas em que eu provoquei a minha própria prisão de ventre por tempo indeterminado. Fiz questão de anunciar a toda a gente que me rodeia? Obviamente que não. Sou uma pessoa reservada e discreta, logo, não gosto nada desse tipo de merdas. Mas, se há algo em comum nas pessoas que têm prisão de ventre involuntária é aquele gostinho em anunciar essa condição aos demais presentes. Se um detentor de prisão de ventre estiver numa mesa com três pessoas, serão três pessoas a mais que tomarão conhecimento da sua condição.

Se estiver numa mesa com cinco pessoas já se trata de uma mão cheia de indivíduos com o conhecimento desobstruído ao nível das obstruções alheias. E por aí em diante. Prisão de ventre, é assim, informação que se partilha com demasiada naturalidade. Pessoalmente não gosto da leviandade e abertura com que esse assunto é tratado. Há merdas que não se fazem. Algumas, até literalmente!

Não há gelo? Então mais vale congelar alguma água.

Há quem diga que não se pode fazer omeletes sem partir ovos, mas sobre isso não me pronuncio. Os meus dotes culinários são de tal forma irrisórios que não me permitem ter uma opinião formada acerca dessa problemática. Mas atenção, sei fazer gelo. Posso ter dificuldade na criação de pratos mais complexos, tais como, omeletes, mas tenho a perfeita noção de que sou extremamente competente na arte de fazer gelo. Neste campo até abduco de qualquer tipo de receita tradicional preferindo fazer à minha maneira. Acho que a minha técnica para fazer gelo é perfeita desde o primeiro momento e, sendo assim, não sinto necessidade de aperfeiçoá-la. Apesar de ter aprendido esta técnica já há bastante tempo nunca senti qualquer tipo de dificuldade na sua execução e o resultado é sempre perfeito. Há pessoas que gostam de complicar, outras preferem não contar os seus segredos com receio de serem copiadas. Relativamente a isso, considero-me uma pessoa muito mais prática e sem medo da exposição. Posso dizer sem qualquer tipo de rodeios que uso água como ingrediente principal. O resto fica ao critério de cada um. Eu prefiro usar um congelador o que permite ao gelo ganhar aquela consistência e frescura que tanto aprecio. Outros poderão usar diferentes sistemas, mas isso, pouco ou nada me interessa. Nunca recebi uma queixa, sequer, sobre a qualidade do meu gelo. Todas as pessoas que consumiram gelo feito por mim, consumiram-no com um sorriso nos lábios e nunca obtive uma crítica negativa. Sinto mesmo, por vezes, no olhar dessas pessoas, a vontade de me perguntar o segredo, mas nunca nenhuma, até hoje, teve a audácia de o fazer. Talvez por vergonha, talvez com medo de ouvirem um «não» como resposta.

Neste mundo todas as pessoas têm o seu dom. Eu tive a felicidade de nascer com o dom de saber fazer gelo de qualidade e orgulho-me disso. Fazer gelo é, sem qualquer tipo de dúvida, uma das minhas melhores qualidades enquanto ser humano. Certas pessoas são bondosas, outras são compreensivas, outras são humildes. Eu sei fazer gelo.

E, a verdade é que não necessito de muita coisa para o poder fazer. Um pouco de água e um congelador é o suficiente para eu fazer a minha magia. Já conheci pessoas com fracas habilidades no que diz respeito à criação de gelo, outras que nunca o fizeram, mas nunca conheci alguém que fizesse gelo como eu. Sempre que o gelo acaba eu trato imediatamente de fazer mais gelo. Congelo água como ninguém, disse sei eu.

Não há omeletes? Então mais vale comprar alguns ovos. É que o gelo não mata a fome a ninguém.

Há, neste mundo em que todos nós vivemos em temporária harmonia, coisas realmente fascinantes e intrigantes. Assim de repente lembrei-me de uma: adultos que usam mochila. Reconheço que o facto de um adulto usar mochila não é propriamente fascinante e intrigante, mas a verdade é que não consigo deixar de ficar fascinado e intrigado sempre que observo um. Acredito ser um problema meu que não tenho bagagem para este tipo de idiossincrasias. Mas esses adultos têm e chama-se mochila. A minha pergunta é: será este tipo de pessoas, confiável? Provavelmente não. Mas isso parece não lhes interessar. Penso que, para eles, a capacidade de arrumação móvel está acima de tudo. Não querem saber da sua credibilidade, preferem usar um adereço às costas capaz de carregar os seus bens pessoais para qualquer lado. Arrumação portátil é a sua prioridade. São opções. Duvidosas, mas ainda assim, opções. Sempre que vejo um adulto de mochila imagino que este, ou está atrasado para as aulas, ou está atrasado para a vida em sociedade. E qualquer uma dessas duas situações é preocupante. Estar atrasado para as aulas pode resultar em falta, estar atrasado para a vida em sociedade pode ser sinal de que algo lhe falta.

Certos itens deveriam ser impedidos do seu usufruto por determinadas pessoas de determinada idade. Não o são e não é grave. Mas são estes tipos de medidas que eu gostaria de impor caso fosse algum tipo de ditador. A mandar eu optaria por mandar ao nível de situações pouco convencionais. Seria um ditador moderno e mais virado para o lado estético da questão. Em vez de repressão, censura e nacionalismo exacerbado, eu optaria por proibir o uso de mochilas por adultos. Se assim fosse a mochila deveria, no máximo, ser usada até aos dezoito anos de idade. A maioria deveria ser impedimento para o seu uso. Quem a usasse depois dos dezoito teria de estar sujeito a um tipo de castigo aplicável a menores de dezoito, mas com consequências de maior.

Outra medida a tomar seria a proibição do uso do boné para trás a indivíduos que já pudessem exercer o direito de voto. Continuariam a poder exercer o direito de voto, porque não acho

bem as pessoas não poderem expressar as suas convicções, mas seria-lhes negado o uso do boné ao contrário.

Se desejam votar como adultos que, pelo menos, não usem ade-
reços como se tivessem nove anos de idade. Se para eles a pala não
tem qualquer tipo de utilidade porque não optam por um gorro?
Na minha ditadura o mau gosto não seria bem-vindo.

Se eu mandasse, estas seriam apenas algumas das medidas que
eu tomaria. Usaria crocs e um fato de treino com as cores da ban-
deira nacional aquando das minhas tomadas de decisão. Apesar
de tudo, boa apresentação é fundamental para a credibilidade de
qualquer líder.

Se a expressão: «Quem diz a verdade não merece castigo» fosse eficaz no seu propósito, talvez não existissem tantos mentirosos. Mas, dizer a verdade apenas e só para não merecer castigo parece não convencer totalmente miúdos e graúdos. Não há a oferta de algo palpável nem uma verdadeira recompensa. Há apenas a sugestão de algo que, apesar de tudo, pode até nem acontecer. É apenas uma sugestão, nada mais do que isso. E sem garantias, nada feito. É garantido que as pessoas gostam de garantias. Poucas são as que abdicam dessa salvaguarda. Essas poderão ser encontradas, ocasionalmente, a comprar papel de parede em segunda mão. Todas as outras pessoas precisam de garantias e talvez seja por isso que a mentira reina.

Expor a verdade é cada vez menos desafiante e entusiasmante. Para quê descrever as coisas como elas são se, por vezes, as coisas nem são assim grande coisa? Mentir permite outra liberdade artística. Mentir é criar. Enquanto os apicultores criam abelhas e os avicultores criam aves, os mentirosos criam o que for preciso. Os mentirosos não estão limitados a apenas uma arte ou ofício, são profissionais muito mais abrangentes e multifacetados. Criam qualquer coisa, muitas vezes, na hora.

Os defensores da verdade dizem: «mentir é feio». Não concordo. Feio é o senhor do talho. E o irmão dele que, por acaso, até é seu irmão gémeo. Determinadas mentiras são tão bonitas que até é pena não serem verdade. Outras são de uma beleza tal que é preferível apanhar o coxo primeiro em vez do mentiroso que as proferiu. A mentira até pode ter a perna curta, mas, por vezes, o coxo parece estar em piores condições físicas o que facilita a sua captura, antes do mentiroso. Mentir é uma arte e a arte quando é boa torna-se universalmente apreciada, até pelos leigos.

Há quem diga que a brincar se dizem muitas verdades, mas isso só acontece porque mentir é um assunto sério e não deve ser tratado com ligeireza lúdica. Muita gente faz da mentira a sua profissão e, como é óbvio, não se brinca com coisas sérias. Nem com Jesus. Com Jesus também não se brinca.

Apesar de tudo, por vezes, torna-se difícil manter uma mentira. Um dos maiores entraves à manutenção eficaz das mentiras parece ser o relacionamento entre comadres. Ao que parece uma zanga destas pessoas - das quais nem sabemos sequer o nome ou apelido -, é o suficiente para se descobrirem as verdades. Para o bem da mentira o ideal seria lutar por um relacionamento mais cordial entre comadres evitando assim futuras chatices. A mentira agradece.

E, ao contrário do que muitos dizem, a verdade não dói. O que dói é ser apanhado com falta dela.

A existência da pipoca diz-nos que, certo dia, alguém se lembrou de rebentar milho. A estupidez humana parece não ter mesmo limites. Alguém pensou: «hum, estou aborrecido. O melhor é rebentar qualquer coisa para ver se animo. Que azar, não há nada de jeito para se rebentar nesta casa, nem uma bombinha de Carnaval. Enfim. Olha, deixa-me cá rebentar este milho para ver se ajuda». E pum, fez-se a pipoca. Contudo, a existência da pipoca não nos revela se essa pessoa tentou rebentar outros cereais, ou se, depois da obtenção da pipoca decidiu parar com todos os reventamentos que tinha programados.

«A pipoca é uma coisa maravilhosa» dizem os seus apreciadores mais velhos. Os apreciadores mais novos tendem apenas a babar-se. Ou então, a trocar a palavra «maravilhosa» por outras menos requintadas, tipo «fixe» e «baril». Até eu, que não sou propriamente fã de explosões, simpatizo em grande parte com este reventamento alimentício. Para mim o único problema da pipoca consiste na permissão da sua existência dentro de salas de cinema. Sou a favor de uma pipoca livre, menos dentro das salas de cinema. Neste caso particular a liberdade é como a paciência, tem limites. Não é nada pessoal contra a pipoca, apenas sinto que o seu lugar não é dentro de uma sala escura com um ecrã gigante. Não reconheço nível nem categoria à pipoca para esta sua afirmação junto da sétima arte. Quem se lembrou de juntar estas duas coisas tão distintas foi certamente algum artista visionário de mente cheia, mas de barriga vazia. Alguém com fome de arte, mas com uma inclinação acentuada para o petisco.

Fora da sala a pipoca só parece ter benefícios. Contribui para a saúde digestiva, ajuda no controlo do colesterol e é uma excelente fonte de potássio. Dentro da sala todas as boas características da pipoca são exterminadas pelo ruído estridente que fazem dentro da boca dos seus apreciadores. De repente, a pipoca é o inimigo mesmo que o filme seja uma simples comédia romântica.

Temos um indivíduo nomeado para o Óscar de melhor ator que diz algo escrito por outro indivíduo nomeado para o Óscar

de melhor argumentista, enquanto um indivíduo nomeado para o Óscar de melhor realizador dirige, mas a única coisa que se consegue ouvir são pipocas a serem trituradas na boca de indivíduos sem qualquer nomeação da academia. Pipocas a transformarem-se em bolos alimentares dentro de bocas de pessoas que nunca irão ganhar um Óscar, nem outro tipo qualquer de prémio cinematográfico. Pipocas a serem esmagadas por exterminadores implacáveis sem sede de vingança, mas com muita fome de milho.

Aguardo ansiosamente pelo dia em que a pipoca seja barrada à entrada do cinema. Não barrada em manteiga como habitualmente é, mas sim, barrada pelo segurança, para sempre. A sétima arte merece mais respeito e menos milho.

O que é a distração?

Por vezes a distração acontece. Somos todos humanos e a distração parece ser algo que nos afeta a todos em algum momento da nossa vida. Quando acontece não sabemos que ela está a acontecer. Ela surge encapotada. Não se anuncia, simplesmente, aparece. Não avisa da sua chegada nem da sua presença. Aparece de fininho e sem ser convidada. Conheço algumas pessoas assim, distraídas. Também conheço algumas que aparecem sem ser convidadas. Essas, em princípio, não se distraem muito. Preferem fiar-se na distração dos outros para se tentarem distrair depois. Pessoas que aparecem sem convite, normalmente, são pessoas com personalidade forte. Pessoas com personalidade fraca e personalidade assim-assim deixam-se ficar quietas para não passar vergonha. Sem convite não há personalidade fraca que apareça. É o tipo de personalidade que prefere ficar no seu canto sem incomodar ninguém. Já uma personalidade forte não tem medo de nada, muito menos, de aparecer onde menos se espera. É destemida, descarada e sem-vergonha.

Assim como personalidades, há pessoas para todos os gostos. Há pessoas das quais toda a gente gosta. Há também pessoas das quais ninguém gosta. Depois, há pessoas das quais algumas pessoas gostam. Há ainda pessoas que gostam de pessoas que não gostam delas. A mim, calhou-me em sorte, pessoas das quais eu não gosto muito, gostarem muito de mim. Parece magia, quanto menos eu gosto delas, mais elas gostam de mim. É uma espécie de reciprocidade avariada que me aflige de sobremaneira. E o problema das pessoas de quem não gostamos, gostarem de nós, é que essas pessoas têm uma tendência para procurarem a nossa companhia. Ora, sem querer chocar as mentes mais sensíveis, a verdade é que, a companhia de pessoas de quem eu não gosto, aborrece-me e não me interessa de todo. Então, o que fazer? Ao que parece nada pode ser feito numa situação destas. Dizer diretamente a pessoas que me apreciam que eu não as aprecio está completamente fora de questão. A minha ética não me permite tal frontalidade. Elas gostam de mim pelo que eu sou e eu não sou

pessoa capaz de comunicar desagrado por pessoas que nutrem carinho por mim mas que me desagradam, apesar de tudo.

Detesto-as com todo o meu ser, mas tento respeitar sempre as suas opções. Pelo menos isso. Sou assim mesmo, uma pessoa com amores e desamores, mas capaz de os ocultar para não ferir susceptibilidades, tanto de uns como de outros. Expressar sentimentos é desgastante, aborrecido e, pode provocar, inclusive, outros sentimentos. Como tal, prefiro não ter de o fazer.

Então, afinal o que é a distração? Não faço a mínima ideia, mas a verdade é que este assunto desprovido de qualquer interesse até deu para distrair um bocadinho.

Se houvesse opção de escolha no que à forma de morrer diz respeito a maioria das pessoas, certamente, escolheria morrer durante o sono. Parece-me ser uma escolha bastante fácil e óbvia para qualquer mortal que não deseje sofrer, ou então, para quem não aprecie estar acordado quando estes tipos de inconvenientes acontecem. Para o comum dos mortais a decisão parece simples, mas, para quem sofre de insónias, esta escolha pode tornar-se bastante complicada. As probabilidades de sucesso são baixíssimas, visto que, a dificuldade em adormecer é uma contrariedade muito difícil de contornar. Escolher perecer durante o sono e depois não conseguir adormecer, pode ser, relativamente, frustrante.

A insónia é um distúrbio de origem psicológica que pode ser definida como uma dificuldade em iniciar o sono e/ou dificuldade em mantê-lo. Para pessoas que sofrem desta condição, morrer durante o sono seria, certamente, um golpe de azar e de sorte em simultâneo. Azar porque morreram, mas, também de sorte porque, apesar de tudo, lá conseguiram finalmente pegar aquele tão difícil cochilo.

Dormir é uma tarefa relativamente simples mesmo para pessoas pouco experientes na área, nomeadamente bebés. Dos zero anos até à morte qualquer pessoa está apta a dormir. É uma tarefa acessível e ao alcance de qualquer pessoa necessitada de descanso e com tempo disponível para tal. Não conseguir fazer uma coisa cuja única dificuldade consiste em, simplesmente, se manter deitado e imóvel por tempo indeterminado, pode ser confrangedor. E, carecer de competências de descanso básicas não é coisa fácil de se aceitar. Há todo um processo que pode ir desde o desespero até à raiva, acabando em sentimentos de culpa e de incompetência. Mas, a verdade é que há pessoas incompetentes em todo o espectro da quietação. Umas são incompetentes porque dormem demais, outras são incompetentes porque não conseguem dormir. As primeiras, apesar de tudo, estão mais descansadas com a sua condição. As segundas não estão descansadas, nem conseguem

descansar. A incompetência ao nível do descanso não deixa ninguém descansado.

Sofrer de insónias, é assim, meio caminho andado para a imortalidade. Para todos aqueles que estão destinados a morrer durante o sono, seja por escolha pessoal, seja por escolha do destino, as insónias não são nada mais do que sucessivos adiamentos dessa fatalidade. Sofrer de insónias é fintar a morte com olheiras no rosto e humor depressivo. É um caminho cansativo. Sim, mas quem disse que a imortalidade era pera doce?

Apesar de tudo, sofrer de insónias não é fácil, mas é de fácil execução. Não é necessário ter alguma habilidade especial nem alguma aptidão extra. Para tal, basta não conseguir dormir. De repente, pode parecer complicado, mas é uma coisa que até dá para se fazer deitado.

Nos meus tempos de escola aprendi todas as letras do alfabeto, mas a que sempre me intrigou mais foi o «Q» de quá-quá. A minha professora, aquela em quem depusitei – não por iniciativa própria - toda a minha confiança numa alfabetização digna e que me permitisse um dia saber ler e escrever, ensinou-me que existia um «Q» de quá-quá. Ensinou-me outras tantas coisas, mas foi o «Q» de quá-quá, o ensinamento que mais me marcou. Nunca percebi por que razão aquele «Q» tinha de ser o «Q» do grasnar dos patos, única e exclusivamente. Nunca me explicaram. O «A» era de António, o «B» era de bola, o «C» era de cão. Outras vezes o «A» era de amor, o «B» era de boi e o «C» era de carro, mas o raio do «Q» era sempre de quá-quá. Sempre. Apesar de nunca ter obtido um esclarecimento válido para esta minha dúvida tão pertinente, acabei por me afeiçoar àquela onomatopeia fofinha. Foi todo um processo de adaptação que partiu da confusão inicial, passando por uma desconfiança, até chegar a uma espécie de aceitação e conforto mental. Mas, atualmente, e para minha grande tristeza, já não ouço aquele famoso grasnar que sucede a enunciação de tão ilustre letra. O que terá acontecido ao meu velho amigo quá-quá? Por que razão acabaram com o tão famoso grasnar? Querem ver que agora o «Q» é só o «Q» e nada mais do que o «Q»? Se o «V» é de vaca e o «B» é de boi, porque não pode o «Q» voltar a ser de pato? Ou, pelo menos ser do som que o pato faz? Habituei-me ao quá-quá e sinto falta do quá-quá. Ainda hoje, quando alguém me soletra alguma palavra que contém a letra «Q» e me diz apenas «Q», eu sinto um vazio que me atormenta a alma. Sinto que falta algo. Por vezes interpele e repito o «Q» na esperança de ouvir um: «sim, Q de quá-quá». Mas não, apenas ouço: «sim, Q». Porquê? O que terá acontecido para se ter deixado o grasnar de lado? Sinto que vou ter de passar por outro período de adaptação, mas desta vez no sentido inverso.

Sei que os tempos são outros e quem não se adapta acaba por morrer. Não gosto de me agarrar ao passado e admito até já ter usado um «lol» ou outro na internet para expressar riso, mas ainda não me sinto preparado para deixar de lado o «Q» de quá-

-quá. Façam o que quiserem com o alfabeto e com os sons que os animais fazem, mas para mim o «Q» vai continuar a ser sempre o «Q» de quá-quá.

«Sedentário» é uma palavra que, à primeira vista, parece definir algum tipo de especialidade médico-dentista. Ou então, alguma condição ao nível da dentição. Tem todos os elementos necessários para ser usada em medicina dentária, sendo a mais óbvia, o facto de conter na sua estrutura o sufixo «dentário». No entanto, e ao contrário do que muitas pessoas poderão pensar, esta palavra não tem nada a ver com a higiene oral, nem com estrutura dental. A palavra «sedentário» está directamente relacionada com o estilo de vida. Ou a falta dele, dependendo do ponto de vista.

A maioria das pessoas que eu conheço são sedentárias. São pessoas que não escolheram essa vida, mas a vida escolheu-as assim. Os sedentários são pessoas calmas e discretas que tendem a não fazer movimentos bruscos continuados que envolvam muito esforço físico. Tenho vários amigos sedentários. Tenho também dois amigos Ex sedentários e um em recuperação. Eu como sedentário que sou tenho uma afinidade maior com os outros sedentários. Existe respeito, compreensão e, acima de tudo, pouca movimentação. Sinto que estamos todos no mesmo barco e a remar para o mesmo lado. Quer dizer, só dentro do mesmo barco. A remar não estamos, certamente, pois isso iria contra as nossas convicções de fazer qualquer tipo de movimento que possa ser útil ou benéfico para a nossa saúde. Preferimos estar assim, à deriva. Desta forma podemos utilizar o vento como nosso aliado mesmo se este não soprar. Temos várias coisas em comum sendo a principal, o desprezo que nutrimos pela transpiração. Não libertamos suor com facilidade e fazemos de tudo para o manter connosco. Transpirar é sinónimo de perda de líquidos e como não somos competitivos não achamos correto estar a perder algo, mesmo sem competir. Não competimos porque não gostamos de perder e, certamente, porque sentimos também ter muito pouco a ganhar. Ganhar e perder que fique apenas para quem compete, nós estamos bem assim, empatados. E descansados.

Relativamente aos meus amigos Ex sedentários eu sinto uma menor proximidade. Ou, visto de outro ângulo, um maior afasta-

mento. Este afastamento deve-se a vários fatores, sendo que, o principal está relacionado com o facto de eles agora correrem muito e eu me deixar ficar para trás constantemente devido à falta de interesse em me movimentar em passo de corrida. Não vemos o mundo da mesma forma nem com a mesma forma física. Por vezes perdemos amigos para a droga e para o álcool, eu, infelizmente, perdi para o exercício físico.

Dizem que uma vida sedentária pode conduzir a vários problemas de saúde sendo a obesidade um dos principais. Isso não deixa de ser assustador. Mas depois vejo pessoas mais gordas do que eu a fazer exercício físico e fico logo mais descansado. Literalmente mais descansado.

Deveria haver um top para pessoas que usam «top» como adjetivo. Todas as semanas o top era atualizado de acordo com a quantidade de vezes que cada pessoa usa o termo «top» para qualificar algo. Quanto mais se usar o «top», maiores serão as probabilidades de se entrar para o top. No final de cada semana, pessoas que entrassem para esse top deveriam ser convidadas a abandonar a sociedade de forma ordeira e civilizada. Seriam, mais tarde, encaminhadas para uma ilha deserta suficientemente grande de forma a poder acolher toda esta enorme população que aumenta de dia para dia. Lá poderiam viver em harmonia numa sociedade top constituída apenas por pessoas top que acham que tudo é top.

Hoje em dia, tudo é top. Qualquer coisa é top. O telemóvel do Pedro é top, o carro da Joana é top, os sapatos do António são top, e até o restaurante onde se comeu um simples bife com batatas fritas é top. E sim, também o bife com batatas fritas foi top. Nada é bom, nada é bonito, nada é interessante, nada é saboroso, nada é engraçado, nada é divertido. É tudo top. Para alguns, os menos contidos, até é top, top, top!

Não me lembro em que momento este vírus surgiu, mas a sua propagação parece não ter limites. Várias pessoas já foram infetadas e a tendência é não ficar por aqui. A cada dia que passa aumenta exponencialmente o número de infetados, qual pandemia iletrada. É um vírus que não escolhe idades nem estratos sociais, mas que tem uma forte tendência para infetar pessoas com o sistema de vocabulário mais fragilizado. Depois de infetadas, as pessoas demonstram apenas um sintoma: acham que tudo é top. Depois de infetadas, as pessoas ficam impossibilitadas de classificar tudo à sua volta com adjetivos válidos e distintos uns dos outros. De repente tudo é igual, tudo é top. Não há distinção entre coisas e sentimentos. Um vaso é top da mesma forma que a sensação de ser pai também é top. Vai tudo para dentro do mesmo saco o que quererá dizer que, muito provavelmente, até o saco é top. Os sintomas têm duração indeterminada podendo mesmo perdurar durante anos. Para já ainda não

existe vacina porque o vírus, infelizmente, ainda não é reconhecido como uma ameaça.

Adjetivos são palavras que servem para qualificar. «Top» só serve para atrapalhar. Quando tudo é a mesma coisa, atrapalha. Quando todos falam a mesma coisa, atrapalha. Quem usa «top» como adjetivo, para além de demonstrar um pequeno leque gramatical, atrapalha.

Não abandonem os adjetivos. Façam o favor de os usar. Acreditem em mim, usar adjetivos é top!

Ouçõ muitas vezes falar no sonho americano e do quão incrível e maravilhoso é. Este é o tipo de assunto que tem um impacto profundo na minha pessoa, visto que, para além de sonhar pouco, nunca sei qual a nacionalidade em que sonho. Penso que – e baseado no meu local de nascimento - os meus sonhos são todos em português, o que me aborrece um pouco, uma vez que, não aprecio muito a monotonia nacionalista de cabeceira. Gosto de ser português, mas saber que a minha nacionalidade me impede de ter sonhos internacionais não me agrada lá muito. Gostaria de ter um pouco mais de liberdade no que diz respeito à minha atividade mental não dirigida. Esta pouca flexibilidade fronteiriça relativamente aos sonhos não me apraz de todo. Depois, ninguém exalta o sonho português o que me permite concluir que não será assim grande coisa. Ou então, é tão bom que preferem guardar segredo. Seja como for não há certezas de nada e as incertezas são sempre um pesadelo.

O que terá então o sonho americano de tão especial quando comparado com o sonho português? Será só publicidade enganosa? Será apenas uma estratégia de marketing tão boa que nos deixa a sonhar com esse tipo de sonho? Sonhar com um sonho além fronteiroço parece ser ainda mais complicado do que simplesmente sonhar. Como português gostaria que o sonho nacional tivesse uma maior relevância no panorama dos sonhos internacionais. Que o sonho português fosse mais divulgado e não posto de lado como um qualquer outro sonho banal, ou mesmo, um sonho de país pequeno. Penso que, não só Portugal, como outros países constituídos por pessoas habilitadas a sonhar, deveriam apostar no processo de divulgação dos seus próprios sonhos. Todos os países deveriam ter direito a promover o seu sonho caso o desejassem. Apesar de tudo, reconheço que competir apenas e só com o sonho americano poderia ser prejudicial para o sonho português. ganhando, ficaríamos em primeiro lugar numa tabela classificativa composta por apenas dois participantes, o que não é de todo impressionante. Perdendo, não ficaríamos em segundo lugar, ficaríamos em último, visto não haver mais nenhum sonho abaixo

do nosso. Seria, portanto, um primeiro lugar pouco honroso ou um segundo lugar pouco respeitável.

Dizem que sonhar é grátis. Mas o grátis, a cada dia que passa, fica um pouco mais caro. Contudo, sonhar ainda é uma atividade bastante acessível se for feita dentro do nosso próprio país. Não é necessário passaporte nem saber falar outros idiomas. Basta um pouco de vontade, uma pontinha de coragem, uma cama confortável e um sono descansado. Bons sonhos.

Nomear algo pode ser uma tarefa complicada. Dar o nome a uma coisa que, para já, ainda é só uma coisa, exige algum empenho e criatividade. Nomear é fazer com que a coisa deixe de ser coisa e passe a ser algo mais. É atribuir um nome a algo que ainda não pode ser chamado pelo nome. Mas o poder de nomear algo, apesar de apelar à criatividade, parece toldar toda a habilidade para se criar algo interessante. Relativamente à nomeação de pessoas, Ercílios, Hortênsias e Aurelianos existem porque alguém se lembrou de os criar. Antes de serem Ercílios, Hortênsias e Aurelianos, eram pessoas normais. Anónimas, mas normais. Agora têm um nome. E, infelizmente, esses são nomes que não normalizam nenhuma condição humana. O poder de nomeação é capaz de transformar pessoas civilizadas em autênticos selvagens que juntam letras ao calhas como se do fim do mundo se tratasse. Não parece haver um critério, a mistura de vogais e consoantes é feita com base na aleatoriedade e caos.

Atribuir o nome a um filho pode ser uma tarefa de grande responsabilidade, daí eu achar que alguns pais deveriam ser afastados de tal incumbência. O filho é deles, mas o direito de arruinar o resto da sua vida, não é. E a verdade é que há pais decididos a marcar os filhos negativamente para o resto das suas existências. Não querem saber do impacto que um mau nome possa causar na vida dos seus descendentes diretos, preferem ceder aos seus caprichos.

Atribuir o nome «Tércio» a um filho, é triste, no mínimo. Principalmente para a criança, mas também para quem tem de a chamar. Ninguém fica a ganhar, sendo que, o Tércio inicia logo a sua existência a perder. Chamar uma filha de «Gernaísa» é dizer ao mundo que todas as outras opções de nomes válidos para serem usados não eram suficientemente apelativos e, como tal, optou-se por um nome que não assenta bem nem a um animal de estimação. «Gilcélio» também parece ser um nome interessante, mas não para uma pessoa. No entanto, eles andam por aí no meio de nós usando diminutivos só para disfarçar. «Adriela» é outra boa

opção, mas só para pessoas que repudiam os nomes «Adriana» e «Gabriela» mas acham que uma mistura dos dois já é aceitável.

Estes são apenas alguns dos nomes que podem ser atribuídos a seres humanos em Portugal. O mais estranho no meio disto tudo não é o facto destes nomes poderem ser atribuídos, mas sim, o facto de que há pessoas que, efetivamente, os atribuem de livre vontade. E para piorar, fazem-no aos seus próprios filhos.

Há quem nasça órfão de pais e há quem nasça órfão de pais sensatos. A situação é mais ou menos parecida, sendo que, no segundo caso, o trauma infligido na criança é, aparentemente, maior.

O que é o riso?

Rir é, nada mais nada menos, do que abrir a boca e fazer sons. Com o distanciamento adequado pode até ser confundido com um ataque de epilepsia, falta de ar, ou uma combinação dos dois. Mas porque será que nos rimos? Há quem diga que é por acharmos graça a algo. E a resposta correta será, muito provavelmente, essa. Mas a minha pergunta é colocada no sentido de perceber porque nos rimos, isto é, porque abrimos a boca e fazemos sons ao calhas quando achamos graça a algo? Porque não abanamos as orelhas com os dedos anelares, ao invés de abrir a boca e expelir sons dotados de alguma cadência, mas desprovidos de qualquer significado? Abanar as orelhas com os dedos anelares parece fazer tanto sentido como abrir a boca e fazer sons. No entanto, abanar as orelhas nunca foi tido em consideração.

Em determinadas situações a vida é muito simples e prática. Temos fome, comemos. Temos sede, bebemos. Achamos graça a algo, abrimos a boca e fazemos sons. Nas duas primeiras situações abrimos a boca para resolver necessidades biológicas, na terceira abrimos a boca para fazer poluição sonora, só porque sim.

Dentro da categoria «riso» encontramos uma diversidade tão grande de risos que se torna impossível categorizar todos. O riso clássico, aquele do «ah ah ah», usa a primeira letra do alfabeto e parece ser o mais genuíno de todos. Pelo menos, quando comparado com o «eh eh eh» que, na minha opinião, é um tipo de riso que não expressa simplesmente que o seu autor achou graça a algo. Denoto um cheirinho a troça nesse tipo de riso, uma mensagem subliminar. Passo a explicar: imaginemos a situação em que uma pessoa escorrega e cai. Certamente que toda a gente estará de acordo de que ver alguém escorregar tem uma graça natural. Admitam vá. Na minha opinião, quem vê alguém cair e ri-se com um «ah ah ah» está apenas a expressar que achou graça à situação, enquanto alguém que se ri com um «eh eh eh» demonstra que, para além de ter achado graça à situação, achou por bem aquilo ter acontecido. Isto é, aquele «eh eh eh» esconde um: «ah ah ah, aquele imbecil caiu. É bem feito, seu

pateta com falta de equilíbrio». Portanto, o uso do riso «eh eh eh» demonstra falta de categoria e esconde uma má índole.

Há também quem se ria usando o «ih ih ih», mas essas pessoas são apenas ridículas. Este é um tipo de riso que carece de qualquer tipo de significado e soa mal. O riso quando usado em falsete só piora tudo e chama a atenção dos amigos do indivíduo que caiu.

Dizem que rir é o melhor remédio, mas quando me dói a cabeça eu prefiro tomar um analgésico.

Nunca pensei na morte da bezerra. Ao nível de pensamentos opto sempre por pensar em animais vivos. Ou, pessoas. Ou então, pessoas vivas com animais vivos. Sim, admito já ter pensado em pessoas detentoras de gatos pretos. Fico sempre intrigado quando penso em tal coisa. Será que essas pessoas decidiram ter azar de livre e espontânea vontade ou não sabiam das consequências aquando da obtenção de tal bicho? Será que adquiriram o mamífero negro do mal desconhecendo tal facto ou decidiram ignorar a sabedoria ancestral? Não será com certeza fácil viver debaixo do mesmo teto que a encarnação felina do azar. Matam-lhes a fome e a sede, compram areia para a sua casa de banho, e a única coisa que recebem em troca é desprezo em forma de quatro patas e uma quantidade significativa de má fortuna.

Como é do conhecimento geral, a atividade de caminhar por debaixo de uma escada é altamente promotora de azar. O lado bom desta situação é que isso é coisa para acontecer uma ou duas vezes, no máximo, durante uma vida inteira. Poderá haver até uma percentagem muito alta de pessoas que nunca passaram ou passarão por debaixo de uma escada ao longo de toda a sua vida. Mas quem nunca se cruzou com um gato preto? Pessoalmente não conheço ninguém. É impossível. Acredito piamente que toda a gente, em algum momento da sua vida, já se cruzou com um gato preto. E sem querer alarmar, ou mesmo causar o pânico, a verdade é que os donos de gatos pretos se cruzam com eles todos os dias. A minha questão é: não será exposição a mais ao azar? Vejo muita gente preocupada com a exposição a mais ao sol e o que daí pode resultar, tal como, o cancro de pele. Mas ninguém parece importar-se com o que a exposição a mais ao azar poderá provocar. E se ter cancro é azar, ter azar é meio caminho andado para se ter cancro.

Ter um gato preto não é ter simplesmente um animal de estimação. Ter um gato preto é uma demonstração pública de níveis elevados de estupidez e falta de cultura geral. Quem, ao comprar um gato preto sabe ao que vai, então é estúpido.

Quem, por sua vez, compra um gato preto sem conhecer as consequências de tal aquisição, só pode ter uma grave lacuna na sua cultura geral e, logo, também é estúpido. Quem compra ou adota um gato preto só porque não havia noutra cor, é porque não sabe esperar e, como tal, merece ter azar a dobrar. Para além de também ser estúpido.

O gato em si, seja preto ou de qualquer outra cor, é um animal misterioso e complicado de perceber. Em Portugal tem sete vidas, noutros países tem nove. Parece que em Portugal até os gatos têm azar.

«Quem nunca errou que atire a primeira pedra» parece uma frase que abre o precedente à violência perpetrada através do arremesso de calhaus por parte de pessoas idóneas. A verdade é que abre um precedente ainda mais perigoso. O convite é feito a pessoas que nunca erraram o que aumenta consideravelmente a probabilidade de acerto em alguma vítima inocente aquando do lançamento da substância rochosa. A situação só piora quando não são apresentados quaisquer motivos para o incentivo ao apedrejamento desenfreado nem qual o seu alvo. Soa a violência gratuita e muito pouco direcionada.

As pessoas erram, umas mais, outras menos. Eu próprio já errei muitas vezes. Em minha defesa admito que a maior parte dos meus erros ocorreu durante a minha vida académica, mais precisamente, em exames de matemática do 9º ano de escolaridade. Também já cometi erros extracurriculares, mas os erros matemáticos foram os que mais me marcaram, principalmente, devido ao seu cariz científico. Pelos meus cálculos, calculei erradamente várias vezes. Sei que não sou perfeito, mas tenho a perfeita noção de que não é um passado negativo na matemática que me vai definir enquanto ser humano. Sou muito mais do que a soma dos quadrados dos catetos, embora, por vezes, seja um pouco obtuso.

É verdade, as pessoas erram porque são humanas. Apesar de tudo, no passado não errei devido à minha condição, o problema prendeu-se exclusivamente com a falta de estudo. Culpar só a minha condição enquanto ser humano seria, portanto, mais um erro.

Hoje em dia também erro. A única diferença é que, atualmente, os meus erros passam despercebidos à maioria dos docentes. O facto de já não frequentar o ensino obrigatório é determinante nesse sentido. O problema é que, os erros que cometo hoje são erros mais mundanos e menos científicos. São erros de adulto e errar enquanto adulto é sempre mais complicado. Errar enquanto adulto é tirar negativa no maior e mais compli-

cado exame que temos: a vida. Por vezes dá para recorrer, mas nem sempre conseguimos melhorar a nota.

Eu erro, tu erras, ele erra. Nós erramos, vós errais, eles erram. O que parece uma pequena ode ao erro é, nada mais, nada menos, do que a conjugação do verbo «errar» no presente do indicativo. Deixo aqui por escrito para que menos pessoas errem no futuro caso tenham necessidade de conjugar este verbo para algum exame de português, para fins lúdicos ou mesmo com o intuito de ganhar alguma aposta. Dicas para matemática não deixo.

E quem nunca errou que se deixe estar quietinho em vez de atirar pedras. Este é o meu conselho. Primeiro porque, atirar pedras é feio, e segundo porque, é bastante perigoso. Deixem-se estar sossegados e não permitam que a vossa perfeição parta a cabeça a pessoas inocentes.

Ao que parece há pessoas a dar chapadas de luva branca por aí. Este tipo de violência, para além de elegante, parece ser também bastante discreta. Raramente é noticiada nos meios de comunicação social passando assim despercebida à maioria das pessoas que não ligam às tendências Outono-Inverno no que diz respeito à estalada dirigida. Sou contra todo o tipo de violência, seja física ou verbal, mas sinto-me dividido perante esta violência que se preza a usar luva branquinha. Violência elegante não parece estar ao alcance de todos e talvez por isso não me sinto tão confiante a apontar o dedo a quem a pratica. Estou habituado a presenciar violência despida o que dificulta uma tomada de posição perante esta violência equipada com peças de roupa de cor neutra para o metacarpo.

Uma chapada de luva branca é um ato de subtileza que pode, apesar de tudo, provocar uma dor maior no seu alvo do que uma chapada sem qualquer tipo de luva. A dor física desaparece rápido, mas a dor emocional pode ficar para sempre. O uso da luva não é só estilo, é também poder e impacto. Mas nem toda a gente parece estar habilitada e esbofetear de luva branca. E quem o está, muitas vezes, esquece-se de a calçar e ataca de mãos a abanar. Chapadas sem luva são apenas chapadas. Qualquer um as dá. São chapadas desprovidas de estilo, despidas de classe. Quem esbofeteia de mão em tronco nu, é bárbaro e insensível. Quem esbofeteia de luva, sabe estar.

O problema é que a violência elegante não está na moda. Talvez até nunca tenha estado. As novas tendências parecem ser iguais às velhas tendências. E a tendência para já é para se manter tudo na mesma. A violência deselegante não usa luva branca, mas ironicamente, parece demonstrar também ela, um carinho especial pela cor da paz. Este tipo de violência recorre muitas vezes ao uso de arma branca. Mas não se deixem enganar. Armas brancas, apesar da cor, não são elegantes, são apenas armas. Enquanto o uso de luva branca pode ser visto como estiloso, o uso de arma branca é visto como um ato criminoso. Branco fica bem em luvas, mas

combina mal com armas. O uso de arma branca é de uma deselegância tal que transforma qualquer tipo de violência em algo negro e sombrio.

Infelizmente a violência está na moda. E como a moda foi inventada pelo ser-humano, só este pode acabar com ela. Que o faça o mais rapidamente possível nem que para isso tenha de recorrer à violência. Se recorrer, que calce, pelo menos, uma luvinha para ser mais elegante. Ou então para evitar deixar as impressões digitais em todo o lado.

Sempre me disseram para não julgar as pessoas pela sua aparência. No outro dia vi um homem de saia e não julguei. Mas, e ele? Quem é que ele julga que é? Atenção que não tenho preconceito relativamente a uma situação destas. Posso até usar aqui a cartada do racismo aplicada às saias e dizer: eu não sou preconceituoso, até tenho amigos escoceses! Simplesmente fiquei curioso por ver um homem de saia e, que eu saiba, a curiosidade para já ainda não é crime. Dizem que a curiosidade matou o gato, mas eu acredito que tenha sido em legítima defesa. Portanto, absolvição é o veredito. Em minha defesa admito que ver um homem adulto em cima de uns patins em linha despertaria o mesmo tipo de curiosidade em mim. Aliás, uns patins de quatro rodas já seriam o suficiente para eu ficar em estado de alerta.

O que levaria então um espécime do sexo masculino a envergar uma peça de roupa que culturalmente nos foi apresentada como sendo feminina? Não encontrei uma resposta satisfatória, mas também não era necessário. Era apenas um homem de saia. Ver um homem de saia é tipo ver um eclipse do sol. É um fenómeno raro e, como tal, é normal olhar de outra forma. Para um eclipse não olhamos diretamente para não magoar os olhos, para um homem de saia não olhamos diretamente para não magoar a sua escolha. Mas em qualquer das situações torna-se difícil não olhar. Acredito que se avistar todos os dias um homem de saia, ao fim de uma semana já nem vou estranhar. Ao fim de duas semanas, provavelmente questionarei a mim mesmo se também eu não preciso de uma. E, ao fim de três, vou comprar umas calças porque continuo a achar que usar saia não me ia favorecer a nível estético.

Mas, o que é certo é que um homem de saia tem pouco a esconder. A exibição intencional da tibiotársica é bem reveladora dessa realidade. Um homem de calças, por sua vez, pode esconder segredos bem obscuros, sendo o pior deles o uso de meias brancas. Vejo o uso de meias brancas como uma problemática maior quando comparada com o uso de saia, ou qualquer outra peça de vestuário mais alternativa. A saia choca, mas a meia branca é

chocante demais. Não porque são duas, mas sim porque são duas e são brancas.

Não sou a favor de proibições no que diz respeito ao vestuário, mas no caso das meias brancas eu gostaria de abrir uma pequena exceção. Num mundo perfeito só os jogadores de ténis estariam habilitados a usar meia branca, estando todos os outros humanos não detentores de raquetes, proibidos do uso e exibição da peúga parola. Saia sim, meia branca é que não. Por favor.

Infelizmente sou do signo touro. É pena, mas foi mesmo o melhor que consegui. Nem tive grande mérito na sua obtenção, limitei-me simplesmente a nascer. Sou taurino. Pelo menos é o que dizem os entendidos. E eu tenho por hábito não duvidar de pessoas que sabem muito acerca de coisas das quais eu pouco sei. Foi-me atribuído, dizem eles, só porque nasci em determinado dia de determinado mês. Apesar de tudo, esta metodologia e organização no ato da atribuição do signo, agrada-me. Fica claro não existir qualquer tipo de aleatoriedade envolvida no processo. É tudo feito às claras e segundo normas pré-estabelecidas. E é sempre bom quando o sistema é fidedigno pois transmite confiança. O problema aqui prende-se com o facto de eu não poder alterar o meu signo. Pelos vistos agarrei o touro pelos cornos e agora não o posso soltar. Sou team bovino negro para sempre. E a verdade é que esta tourada definitiva não me apraz. Atualmente as pessoas têm liberdade de escolha relativamente aos mais variados assuntos ou particularidades das suas vidas mundanas. Algumas mudam de nome, outras de sexo, e outras de religião. Muitas mudam de casa, outras mudam de parceiro, outras até mudam para encontrar um parceiro. Mas ao que parece, não é, de todo, possível mudar de signo. A liberdade de escolha parece esbarrar de frente contra os portões do zodíaco. A alteração de signo não está contemplada na lei dos astros e não há em vista um referendo sequer. O signo é tipo a calvície, depois de acontecer não há volta a dar. Relativamente à calvície até podemos fazer uns implantes ou mesmo usar peruca. Mas, relativamente à peruca, as pessoas vão sempre reparar que algo não está bem com a nossa cabeça. Tanto por fora como por dentro.

A verdade é que cinco dias de diferença podem realmente alterar uma vida. Uma semana mais de gestação e eu seria uma pessoa completamente diferente. Para melhor, é claro. Nascesse eu cinco dias depois e seria comunicativo, inteligente, charmoso e alegre. São estas as características dos nativos do signo gémeos, esses seres abençoados que tiveram a capacidade para nascer apenas uns dias depois de mim. Fiquei apenas a uma semana de

distância dessas tão maravilhosas características que qualquer ser humano deseja possuir.

Apesar de tudo, o meu signo também tem os seus próprios números da sorte, tal como os restantes. Posso não ter acesso ao charme e à inteligência, mas pelo menos posso habilitar-me a ganhar algo. Mas também aqui surge outro problema. O horóscopo diz que os números da sorte do meu signo são: 1, 14, 35 e 41. Mas afinal que sorte é esta, que nem para uma chave do Euro-milhões eu tenho números que cheguem? É suposto eu ter de adivinhar os outros?

Hoje acordei e é Carnaval. É aquele famoso dia do ano em que algumas pessoas decidem usar uma máscara por cima da máscara habitual. Ainda não são nove horas da manhã e já tenho a certeza de que cachaça não é água não. Não solicitei esta informação, foi-me oferecida de livre e espontânea vontade por terceiros. E como a maioria da informação não requisitada, também esta carece de relevância à primeira vista. Apesar de tudo, informação é informação, e pode até vir a ser útil em algum tipo de emergência relacionada com líquidos transparentes cuja origem desconhecemos. Sou otimista e nestas situações prefiro ver sempre o copo meio cheio. De água, claro está. Quando se trata de álcool eu bebo sempre pela garrafa. Quem decidiu alertar-me para o facto de que uma bebida com teor alcoólico a rondar os 48% não é, decididamente, água foi uma senhora de voz firme. Não a conheço pessoalmente, mas por algum motivo tem direito de antena numa coluna com o volume no máximo colocada estrategicamente no poste de eletricidade mesmo em frente a minha casa. Tem pronúncia de atriz de telenovela, mas pela forma como insiste na diferenciação entre cachaça e água suspeito que seja alguma cientista, ou então, alguém que não gosta nada de confusões com líquidos.

Neste dia quase tudo é possível, menos ter paz e sossego. Nestas vinte e quatro horas é normal observar pequenos homens-aranha de mãos dadas com homens de salto alto enquanto mulheres de bigode farto carregam ao colo mini super-homens. De repente estamos a viver numa espécie de aldeia travesti superprotegida de qualquer ameaça. Os menores equipados com a fatiota de super-herói e ainda crentes na salvação da humanidade ignoram os sinais óbvios dos pais, que demonstram, inequivocamente, que o mundo já não tem salvação possível.

Em miúdo mascarei-me de cowboy até ao dia em que descobri que um cowboy era apenas um simples vaqueiro. A desilusão que foi, mais tarde, descobrir que me vestia de tratador de gado todos os anos, quase me tornava vegetariano, não fosse a picanha uma

coisa tão saborosa. Aquele colete que antes vestia cheio de orgulho parecia agora um simples e triste casaco sem mangas capaz de manchar a minha reputação para sempre.

As botas de cano alto e o chapéu com pele de cobra falsa são erros do passado dos quais não me orgulho e que espero não voltar a repetir nem sob ameaça de uma arma de fogo.

Hoje em dia, opto por me mascarar de polícia à paisana. É um disfarce simples e eficaz. Perfeito mesmo. Ninguém desconfia sequer que estou disfarçado, o que é sempre bom para manter o disfarce. Parece-me perfeito para quem gosta de passar despercebido e apanhar uns bandidos, tirando a parte de apanhar bandidos.

Vi nas notícias que morreu o homem mais velho do mundo. Tretas. O homem mais velho do mundo está vivo e de boa saúde tirando, obviamente, a parte de estar de boa saúde. Esta notícia é claramente mentirosa. O que não falta são homens velhos e um deles há de ser o mais velho de todos, disso tenho a certeza. Para esta notícia ter um fundo de verdade, teria de ser apresentada de outra forma que não esta. Uma opção válida seria: «morreu o ex-homem mais velho do mundo». Outra opção, também válida, seria: «o homem mais velho do mundo está vivo, mas atenção que morreu um que até era mais velho do que este». Portanto, noticiar que o homem mais velho do mundo morreu não passa de noticiar uma mentira escabrosa. O homem mais velho do mundo não morre, apenas é substituído de vez em quando. Há sempre um homem que é o mais velho do mundo e isso não dá para mudar, muito menos noticiar.

Atualmente não parece haver um mínimo de cuidado na forma como se noticiam os acontecimentos. Este constante desleixo pode levar a que as pessoas sejam facilmente ludibriadas. Noticiam-se mentiras como verdades e verdades como mentiras. Vale tudo desde que haja uma plateia. Um bom exemplo disso são as já famosas «fake news». Esta categoria de notícias baseia-se essencialmente na falta de categoria de quem as noticia. São de fácil propagação, visto que, contam com o apoio das redes sociais para tal. O nome desta nova categoria de notícias tem tanta pinta que por cá nem se atreveram a traduzir o seu nome para português. «Notícias falsas» é um nome que não parece ter a mesma capacidade para elucidar as pessoas quanto ao conteúdo apresentado. Nomes em inglês dão outra credibilidade às coisas, mesmo às falsas. E as fake news vieram para ficar. Agora, noticiar algo que realmente acontece, perde de forma estrondosa para a arte de noticiar algo estrondoso que, apesar de tudo, não aconteceu. Agora não é a realidade que é mais impactante do que a ficção. A ficção virou o jogo de tal forma que agora a realidade já não interessa a ninguém. A verdade aborrece. Saber a verdade num mundo alimentado a mentiras parece uma coisa antiquada e sem interesse

nenhum. O importante, agora, é obter o máximo de informação possível, seja ela boa ou má, verdadeira ou falsa.

A informação de qualidade dá lugar à desinformação em quantidade. Saber mais é saber mais, mas saber mais nem sempre é saber melhor. Dizem que o saber não ocupa lugar, mas se os lugares já estiverem todos previamente ocupados, acabamos por ficar de fora apenas a observar.

Sem que nada o fizesse prever, o Dr. Octávio e o Dr. Google ficaram de costas voltadas. Um é o meu médico de família, o outro é o meu motor de busca. Aprecio o trabalho de ambos e, para mim, custa-me ver esta animosidade gratuita entre pessoas, instituições ou sítios da internet com os quais eu simpatizo. A verdade é que os dois não conseguem entender-se. Sinto mesmo que esse desentendimento acaba por prejudicar a minha saúde física e mental. Não sou de escolher lados, mas, penso que, neste caso específico a embirração parte do lado do meu médico de família. Ele insiste em rejeitar veemente todos os diagnósticos que lhe apresento vindos da parte do Dr. Google. Parece haver uma implicância dele com as novas tecnologias que não permite o entendimento entre o homem e a máquina. Apesar de ser um médico relativamente jovem, parece que ficou agarrado ao passado. No meio desta querela sinto-me verdadeiramente prejudicado. Enquanto um me diz que não tenho nada, o outro diz-me que poderei ter febre tifoide e apenas alguns meses de vida. O facto de não existir aqui um meio termo deixa-me profundamente preocupado e até já pensei pedir uma terceira opinião.

Por um lado, aprecio a positividade do meu médico, mas o facto de ele ser uma pessoa extremamente otimista pode estar a interferir diretamente com os seus diagnósticos. Para ele eu estou sempre bem. Uma dor de cabeça é apenas uma dor de cabeça, uma dor de costas é apenas uma dor de costas. Quando lhe apresento algum diagnóstico feito pelo Dr. Google no qual eu poderei ter esclerose múltipla, a sua indignação é imediata e, por vezes, sou mesmo convidado a sair do seu consultório. Tratar uma pessoa doente dessa forma, com certeza, não será o procedimento mais ético.

O Dr. Google apesar de ser geralmente menos otimista, apresenta-me aquilo que eu considero uma realidade menos floreada. Para ele, o que é, é. Ou então, o que é, é bem pior do que parece ser. Não tem rodeios e reconhece a minha condição enquanto ser humano. Tem a perfeita noção de que estou a morrer, apresentando por vezes datas estimadas para tal acontecimento.

A medicina, tal como outras áreas, tem bons e maus profissionais. Relativamente à minha saúde gosto sempre de ouvir uma segunda opinião, principalmente quando a primeira não me agrada. E quando a primeira opinião me agrada fico sempre tentado a ouvir uma segunda só por curiosidade. Tento recolher o máximo de informação possível para, desta forma, ficar com informação a mais que pode vir a ser inútil em caso de emergência.

Com a saúde não se brinca, o problema é quando o nosso médico está sempre online.

Há apertos de mão que nem sequer deviam ser considerados como tal. A mão está lá, mas o aperto não. Trata-se de elementares toques manuais extremamente desconfortáveis trocados entre duas pessoas. São um simples estender de mão flácida que acontece provocando no seu recetor um misto de confusão e desconforto. São moles e desinteressantes. Ora, se o cumprimento é constituído por uma mão e um aperto, não existindo uma destas coisas, parece-me evidente haver aqui um desvirtuamento da saudação. Há, de facto, prevaricadores de apertos de mão entre nós. E pessoas que não sabem executar um aperto de mão em condições deveriam ser impedidas de o fazer. Não sou apologista de impedimentos, mas neste caso estou disposto a gerir esta situação com mão de ferro. Poucas coisas me incomodam mais do que segurar uma mão mole de outrem. O toque murcho de mão alheia deveria ser imediatamente interditado.

O cumprimento é uma forma de saudação amigável entre duas pessoas que varia de país para país. Noutras culturas cumprimenta-se das mais variadas formas e feitios. Por exemplo, no Japão, cumprimenta-se em forma de exercício físico. Curvam a coluna. São atletas do cumprimento. Fazem alongamentos enquanto cumprimentam, demonstrando assim, que a educação e o civismo também podem ser uma coisa saudável. A eles a minha vénia. No mundo ocidental o aperto de mão é o cumprimento mais comum. O problema é que há pessoas que não o sabem fazer. Das duas uma: ou são mal-educadas, ou têm falta de jeito para a educação. Estender somente a mão não é suficiente. Há que apertar também. Chama-se «aperto de mão» por algum motivo. E não havendo aperto, há apenas mão. E ninguém deseja segurar a mão flácida do próximo. Apertar a mão de outra pessoa, deve assim, envolver algum tipo de aperto para o aperto em si ser válido. Há também quem aperte demais. Esses, talvez levem o aperto demasiado à risca, mas pelo menos têm educação suficiente para apertar. Têm o meu respeito por isso. Apertar muito, apesar de tudo, é melhor do que não apertar.

Um aperto de mão, para além de ser um cumprimento, pode também ser usado para consolidar um acordo verbal ou informal entre duas pessoas. É um gesto que firma algo e, como tal, exige-se mão firme. A todos os que não sabem dar apertos de mão, por favor não o façam. Guardem a flacidez para vocês, ninguém a deseja sentir. Não estendam a mão se não for para apertar. Lembrem-se que é um aperto de mão e não prevariquem. Sejam mais educados porque a boa educação cabe em todo o lado, menos num aperto de mão mole.

O uso da expressão «Estás comigo, estás com Deus», com um ateu terá certamente um efeito contrário ao desejado. Aquilo que seria uma enorme transmissão de segurança para qualquer crente, torna-se numa simples constatação de solidão para um ateu. As contas são fáceis de se fazer: ateu sozinho é igual a ateu sozinho, ateu com Deus é igual a ateu sozinho.

Quem usa esta expressão, para além de não ser onnipresente como o quer fazer crer, acaba por não ter consideração absolutamente nenhuma para com as crenças – ou falta delas – da outra pessoa. Dar uma de ser supremo todo-poderoso, é na minha humilde opinião, falta de humildade, e acho isso pouco louvável, mesmo para quem se acha uma divindade. Para as pessoas que gostam de enviar mensagens de segurança extremamente exageradas a quem as rodeia, eu sugiro que se deixem de sensacionalismos e digam apenas: «É pá, estás comigo, estás com alguém que percebe bastante da situação em que estamos metidos e não temas o pior porque eu consigo safar-nos de qualquer situação complicada que possa vir a acontecer». Ou então, se a pessoa não souber o vosso nome digam apenas: «Estás comigo, estás com o António», o que é sempre útil para o caso da pessoa vos querer chamar pelo vosso nome próprio. Atenção, esta última sugestão só é válida se o vosso nome for, realmente, António. Caso contrário estão apenas a mentir sobre a vossa identidade, o que, para além de não transmitir grande segurança, é também capaz de ser crime em alguns lugares. «Estás por tua conta» será uma expressão bem mais realista e objetiva. Não promete mundos e fundos a quem a ouve e pode ser usada em crentes, não crentes e outros indecisos. Basicamente é um «desenrasca-te». Se algo correr mal, nem quem proferiu tais palavras, nem mesmo Deus te poderão ajudar. Não existe o assumir de qualquer tipo de responsabilidade. É uma expressão que tem um significado completamente contrário à anterior, mas o que não significa que seja pior. Até acho melhor estar por minha conta em determinadas situações, sendo a situação em que utilizo a casa de banho, a principal.

No que diz respeito à evacuação, eu prefiro estar sempre por minha conta. Não quero companhias indesejadas nem alguém para me auxiliar nessa tarefa - tão dura, por vezes – mas que eu executo na perfeição já há bastantes anos. Nessa situação quero a conta só para mim porque, normalmente, sou eu que costumo pagar pelas merdas que faço. Já, inclusive, paguei por merdas que não fiz, mas isso foram pequenas infelicidades que tive por estar no lugar errado à hora errada. Agora imaginem Deus que está em todo lado a toda a hora, e nem tempo para ir à casa de banho tem.

Já fiz várias coisas ao longo da minha vida. Algumas relativamente interessantes, mas, na sua maioria, cobertas de manifesto desinteresse público e mesmo pessoal. Não sou grande coisa a fazer coisas, admito. Faço coisas muito medianamente e de forma pouco interessada. No máximo, faço o mínimo. Normalmente faço-as por necessidade, ou então, por algum tipo de obrigação. Considero-me uma pessoa prática, logo, faço apenas o indispensável de forma a não ter de fazer mais nada. A maioria das pessoas faz sempre mais e melhor, mas isso é problemas delas. Eu cá prefiro não alinhar nesse tipo de modas.

De todas as pessoas que fazem ou fizeram coisas, há um grupo em especial que me fascina de uma forma ímpar. Nunca os vi fazer tal coisa, mas afirmam fazê-lo todos os verões. Dizem que o fazem e dizem com um certo orgulho na sua voz. São discretos ao fazê-lo, mas, pelos vistos, trabalhadores magnânimos. Refiro-me às pessoas que fazem praia. Por incrível que pareça, certas e determinadas pessoas, fazem praia. E ao que parece, nem são tão poucas assim. Não sou eu que o digo, elas mesmas fazem questão de o afirmar. Não se contentam com uma simples ida à praia, têm de participar ativamente na construção da mesma. Banhos de sol e mergulhos refrescantes não chegam para este tipo de pessoas. São ambiciosas e querem sempre mais. Querem deixar a sua marca e o seu cunho pessoal na arquitetura paisagista antes de morrerem. No fundo são pessoas com a mania das grandezas, é o que é. À velocidade constante a que milhares de portugueses fazem praia todos os verões, prevejo um futuro auspicioso para o país no que diz respeito ao aumento da orla costeira. Penso até que Portugal daqui a uns anos poderá se tornar no país com mais praias da europa e talvez do mundo, deixando para trás países de enormes dimensões, mas com pessoas sem vontade nenhuma de meter mãos à obra para fazer uma prainha aqui e outra ali. Em Portugal as pessoas fazem praia como se não houvesse amanhã. De verão, fazer praia parece ser a atividade favorita de muitos portugueses. Fazem-no com gosto, e o país agradece. E quando não o fazem, penitenciam-se por isso.

Os portugueses são um povo que gosta de fazer coisas, isso é claro. Fazemos de tudo um pouco, mas temos uma especial inclinação para fazer o que já está feito. Somos orgulhosos engenheiros das obras prontas. Ocasionalmente, também fazemos algumas coisas de raiz. O problema é que essas costumam dar mais trabalho e, como tal, preferimos deixar sempre essas para depois.

Já vi quase de tudo nesta vida, mas espantem-se, nunca vi um par de luvas dentro de um porta-luvas. Nem uma luva ímpar sequer. É certo que nunca andei no carro de um guarda-redes, mas, desconfio que nem mesmo os atletas que praticam desporto equipados à Outono-Inverno guardem os seus adereços nesse compartimento. Os porta-luvas dos carros parecem ser o local mais adequado para se guardar qualquer coisa, desde que não seja luvas. Acredito até, que em toda a história da arrumação de itens naquela pequena divisão debaixo do tablier já foram guardados mais preservativos do que propriamente luvas. Sexo seguro tem prioridade sobre o frio nas mãos. Já vi de tudo um pouco dentro de porta-luvas, menos luvas. Penso que um dos principais motivos pelo qual os porta-luvas não acolhem no seu interior luvas, prende-se com o facto da maioria das pessoas que conduzem, não usar luvas. Dizem que é preciso ter unhas para se conduzir certos carros, mas, em momento algum, falam da necessidade do uso de luvas e, como tal, as pessoas facilitam. Muito raramente vejo uma pessoa a conduzir de luvas, mas quando vejo, ou é algum piloto de competição, ou é algum indivíduo que se julga piloto de competição. E se os primeiros não guardam as suas luvas nesse compartimento, os segundos também não o vão fazer. Os porta-luvas são assim, apenas uma espécie de pequeno frigorífico embutido no veículo. Também os frigoríficos acendem uma luzinha quando os abrimos, e também é muito raro encontrarmos luvas dentro de um frigorífico. A única diferença entre um frigorífico e um porta-luvas é que um porta-luvas não refresca tanto. O porta-luvas é desta forma uma parte desprezada do veículo relegada a acolher todo o tipo de materiais, que não aqueles que deram origem ao seu nome. Será ingrato para um porta-luvas acolher um conjunto de documentação variada e não roupa para as mãos, da mesma forma que é ingrato para um porta-chaves ser descartado para dentro de um porta-luvas. A sua existência tem um propósito, mas o seu propósito não é cumprido. Certamente existirão carros sem porta-luvas, mas ninguém quer um carro incompleto.

Um extra é um extra, mesmo que não seja um extra, mas funcione extraordinariamente como tal. E quem compra um veículo gosta de ter acesso ao tal compartimento extra, de forma a poder guardar lá algo, desde que não sejam luvas. Não acredito que no futuro possamos ver ou encontrar mais luvas dentro dos porta-luvas. Penso até que a tendência será mesmo para diminuir esse número já de si tão irrisório. Pessoas que conduzem não usam luvas e pessoas que usam luvas não conduzem. Esta é a dura verdade que eu escrevo nesta folha que, depois de lerem, podem guardar no porta-luvas.

Se a vingança é um prato que se serve frio, devo dizer que na semana passada me serviram uma vingança num restaurante perto de minha casa. Pedi uma francesinha, serviram-me uma vingança. E não estava fria, estava gelada. Não sou cliente habitual por isso desconheço o motivo de tal retaliação. Provavelmente terá sido engano, visto que, não me lembro de ter feito mal a ninguém e de ter a certeza que a francesinha constava na ementa.

Apenas janto fora ocasionalmente. Jantar fora é uma atividade lúdica que exige duas coisas das quais eu, normalmente, careço: dinheiro e confiança. Dinheiro para pagar e confiança para comer. Para jantar fora só apetite não chega, confiar é requisito. Confiar na higiene de completos estranhos. O problema reside no facto de que é necessário confiar em pessoas que eu não conheço e eu desconfio muito desse tipo de sistema de confiança avulsa e aleatória. Tenho uma grande desconfiança relativamente à higiene dos outros, a verdade é essa. E acreditar que essa higiene se encontra dentro dos parâmetros definidos por mim como lei, torna-se num ato de fé como qualquer outro. Para acreditar que a minha comida não tem algo que não consigo ver (germes), eu preciso de acreditar que a pessoa que a preparou, tem algo que eu também não consigo ver (higiene). A invisibilidade nunca foi tão confusa e desafiante. Parece uma espécie de jogo para maiores de dezoito anos, jogado por menores de dezoito anos, que dizem ter mais de dezoito anos só para poderem jogar. Não há certezas nem regras, joga quem quer. «Ver para crer» dá lugar ao «crer sem sequer ver». Acho até que a expressão «confiar cegamente» provavelmente foi usada pela primeira vez por alguém num jantar de aniversário decorrido num restaurante duvidoso. Criaram esta bela expressão, mas, a verdade é que, no aniversário seguinte optaram por jantar em casa. À primeira caem todos, à segunda só cai quem quer.

Para mim uma refeição pode ser uma coisa incrível, principalmente se for confeccionada sem germes. De todos os ingredientes passíveis de ser utilizados, os germes são os que aprecio menos e,

como tal, dispenso a sua utilização. Penso que acrescentam pouco ao sabor e muito às doenças. A verdade é que, no que diz respeito à comida, os gostos não se discutem. A higiene de quem a prepara, também não, mas devia-se.

Há quem prefira a sua comida com mais sal, outros preferem com mais pimenta. Eu, desafiando a lógica das papilas gustativas, prefiro sempre sem germes. Dito isto, se algum dia alguém pretender servir-me uma vingança, que tenha, pelo menos, a decência de lavar e desinfetar primeiro as mãos.

A arrogância está presente em todo o lado. A humildade é de tal forma modesta que nem sequer tem interesse em aparecer. E quando aparece ninguém costuma dar por ela. Passa despercebida ao contrário da arrogância que faz questão de assinalar a sua presença com pompa e circunstância. Pessoas arrogantes são facilmente detetadas, fazem demasiado estrilho. Fazem da sobrançeria a sua forma de estar. Mas de todas as formas de arrogância que existem, há uma que se sobressai a meu ver: o uso de chave fixa no Euromilhões. Pessoas que jogam sempre com a mesma chave no Euromilhões são pessoas arrogantes. E esta altivez é por demais evidente. Enquanto pessoas humildes tentam acertar no Euromilhões, estas, julgando-se importantes demais para jogos de sorte, limitam-se a esperar que o Euromilhões acerte nelas. São de tal forma arrogantes que optam por não se mexer. Sentam-se quietinhas e esperam ser atingidas por um raio de sorte, ou até mesmo por um raio que as parta. O uso de chaves aleatórias todas as semanas não parece ser tarefa digna para tão nobres indivíduos. Eles estão acima disso com a sua uni-chave fixa. Não se dignificam a ir atrás. A sorte que venha, se lhe apetecer. Acreditam ter a chave mestra, mas optam por ficar quietos à espera de que alguém lhes abra a porta. Equipados com a sua arrogância consideram-se o centro do mundo, os reis do universo, os príncipes do jogo legalizado. Não procuram a sorte porque são altivos demais para procurar seja o que for. Limitam-se a insistir na mesma fórmula à espera de que um dia essa fórmula resulte. E se não resultar, a culpa não é da fórmula, é do resultado. São ricos em arrogância imóvel, por isso só admitem esperar sentados.

Há demasiadas pessoas assim. Pessoas que julgam ter o rei na barriga. Muitas vivem com essa sensação durante vários anos e só mais tarde percebem que, aquilo que julgavam ser um rei, eram apenas gases e problemas digestivos. A verdade é que barrigas inchadas raramente são o resultado de realeza abdominal. No passado existiram, de facto, pessoas que tiveram o rei na barriga. Mas mesmo essas, o máximo que ele esteve lá dentro foi nove meses.

Mais tempo do que isso e já não seria um rei, seria muito provavelmente um elefante ou um cachalote de sangue azul.

Apesar de tudo, ter o rei na barriga nos dias que correm não significa lá grande coisa. E a culpa, parece-me, foi da implantação da república. Ter o rei na barriga hoje vale de pouco. A ter algo na barriga seria bem mais útil e interessante ter um primeiro-ministro.

Por vezes, há quem diga que também eu sou arrogante. A verdade é que não o sou. Sou apenas um indivíduo perfeito e humilde. Detesto arrogância e a prova disso é que quando jogo no Euromilhões não uso chave fixa.

«Quem cala consente»! Ora aqui está uma expressão muito usada pelos portugueses falantes, mas pouco consensual entre os portugueses mudos, ou até entre os portugueses mais calados. Para mim o silêncio nem sempre é sinónimo de consentimento, que o diga – se conseguir - a pessoa que tenho na mala do meu carro com a boca amordaçada. Como é óbvio não tenho ninguém na mala do carro. Simplesmente achei que um rapto simulado envolvendo uma vítima amordaçada seria um bom exemplo para provar como esta expressão tão usada pelos portugueses não é, de todo, imperativa. Não que a mala seja pequena para efeitos de sequestro. A meu ver até dá para manter em cativeiro por tempo indeterminado, pelo menos duas pessoas adultas sem haver necessidade de dobrarem muito as pernas. A questão aqui é que, para mim, quem cala não tem necessariamente de consentir. Pode só não querer falar, estar com alguma amigdalite, ou, em último caso, estar amordaçada. Eu, por exemplo, estou calado a maior parte do meu tempo e raramente sou de consentir algo. Gosto tanto de estar calado como de não consentir. Não falo à toa, muito menos, consinto à toa. Acho até que pessoas caladas são menos prejudiciais para o meio ambiente. Poluição sonora também é poluição e pessoas que falam demais contribuem em grande escala para o aumento da pegada ecológica. Estes poluidores sonoros são de fácil identificação não fosse o barulho inconsequente, o seu principal cartão de visita. À distância parecem pessoas completamente normais e inofensivas, mas de perto fazem muito mais barulho do que pessoas normais e inofensivas. E ninguém gosta de pessoas que falam demais, nem mesmo as pessoas que falam demais, visto que, na presença de pessoas que falam demais, ficam elas próprias impossibilitadas de falar demais.

O uso do silêncio é um talento pouco apreciado e até mesmo menosprezado nos dias que correm. O mundo está de tal forma barulhento que, para além do buraco na camada do ozono, temos também agora, o buraco na camada do silêncio. Ambos são prejudiciais para o planeta sendo o buraco na camada do silêncio

aquele que provoca um impacto maior a curto prazo na qualidade de vida do ser humano.

Há um constante ruído que acaba por ser prejudicial para todos. No passado dizia-se que, quando um burro falava, o outro baixava as orelhas. O problema é que agora quando um burro fala, o outro também quer falar. E depois já são burros demais a espalhar a palavra. Ficamos todos reduzidos a um entretenimento ruidoso forçado, perpetrado por asnos que não sabem estar calados.

Ao que parece saber estar calado equivale a saber tocar violino. É muito difícil e a maioria das pessoas não se sente atraída pelo instrumento. Por opção calo-me sempre. Mas atenção, nem sempre consinto.

Há algo de fascinante no tupperware. Toda a gente sabe o que é e toda a gente tem pelo menos um, nem que seja do vizinho. O recipiente usado para acondicionar alimentos que vai buscar o seu nome à marca mais conhecida de recipientes usados para acondicionar alimentos é, desde há muitos anos, um utensílio indispensável na casa dos portugueses. O tupperware é sobejamente conhecido por dois motivos: a sua extrema utilidade para guardar alimentos e a extrema dificuldade que é conseguir manter a sua posse por muito tempo. Ter um tupperware é sempre temporário. O empréstimo do mesmo encarrega-se de tornar essa posse apenas temporária, visto que, quando se empresta um tupperware a probabilidade de o reaver ronda aproximadamente zero por cento. O empréstimo deste utensílio está envolto num mistério que impossibilita de o receber de volta. Já muitos tentaram um empréstimo válido, mas nunca com sucesso. Até aos dias de hoje não foi relatado, sequer, qualquer empréstimo de tupperware concluído com êxito. Assim que outra pessoa toca nele, a verdade é que ele já não nos pertence. Torna-se imediatamente propriedade alheia. O toque das mãos do recetor transforma automaticamente o empréstimo em doação. A meu ver o tupperware funciona nos mesmos moldes que um boomerang estragado. Só vai, nunca volta.

A verdade é que todos temos tupperwares em casa. A mentira que todos escondemos é que não são os nossos. Os nossos foram vítimas de sequestro no passado o que, de certa forma, valida a decisão de manter os tupperwares de outras pessoas em cativeiro como compensação pelos danos infligidos no nosso arsenal de utensílios de cozinha aptos ao acondicionamento de alimentos. O que acontece aqui é uma troca promíscua de recipientes em que ninguém é inocente. Todos fazemos parte da máfia do tupperware, sem exceção. Trata-se de um crime silencioso muitas vezes praticado em plena luz do dia e à vista de todos. A apropriação indevida de tupperwares existe e o flagelo é cada vez maior.

Emprestar um tupperware é dar a oportunidade a outrem

para preencher aquele espaço que sobra no armário, enquanto abrimos espaço no nosso armário para acomodar o tupperware de outrem.

Apesar de todas estas condicionantes que envolvem o famoso recipiente, guardar comida em tupperwares parece sempre boa ideia. No entanto, resume-se quase sempre a este triste processo: colocar os restos de comida no tupperware, colocar o tupperware no frigorífico, esperar três dias e retirar a comida do tupperware diretamente para o caixote do lixo. Usar tupperware é uma forma simpática de enganar os restos de comida. É dar falsas esperanças à comida que sobra, fazendo um pequeno desvio de trajetória dentro de um belo exemplar que não nos pertence.

Há quem tenha medo de andar de avião. Eu não. Eu tenho pavor, como gente grande. Medo é coisa de crianças. Ou então de adultos demasiado moderados que não sabem experienciar nem extravasar de forma excessiva os seus sentimentos. Já que é para dar uso à irracionalidade, eu opto por ser o mais irracional possível. Se há coisa que eu não tenho é medo de ter muito medo.

Já viajei duas vezes de avião. Uma por opção, outra por obrigação. Da primeira vez quis ser uma pessoa alternativa, da segunda vez, vi-me uma pessoa sem alternativa. Tinha de regressar a casa. Viver o resto dos meus dias em Paris estava, definitivamente, fora de questão. O meu francês é péssimo e as rendas são demasiado altas. Fi-lo uma vez para enfrentar o meu medo, fi-lo uma segunda vez porque o bilhete que tinha não dava para trocar por um bilhete de autocarro. Enfrentar o nosso medo, para além de não ser uma boa ideia ainda é coisa para assustar um pouco. Não perdi o medo que tinha, limitei-me a alimentá-lo.

Voar não é para mim. Admito que correr e saltar também não é, mas caso seja estritamente necessário, eu faço um pequeno esforço para me mexer nesse sentido. Quando corro gosto de ter sempre a noção do meu posicionamento, como tal, opto por nunca correr atrás de um sonho nem à frente de um animal selvagem. Relativamente aos saltos, opto por nunca fazer saltos de fé e evito, sempre que possível, saltos muito compridos, uma vez que, os meus joelhos não me permitem aterrar nas melhores condições. Sou uma pessoa simples, corro e salto por necessidade, mas só voo por obrigação. Voar significa distanciar-me do solo em demasia. E para mim, distanciar-me do solo em demasia é, literalmente, estar longe da família e amigos. Para além de não apreciar, tenho extrema dificuldade em lidar bem com relações à distância. Não sou propriamente esquisito, prezo sempre a proximidade, tanto a pessoas queridas, como ao próprio chão.

Estatisticamente viajar de avião é mais seguro do que viajar de carro. Apesar de respeitar este tipo de estatísticas sobre segurança aérea, sinto-me sempre mais seguro a viajar rente ao chão. A

proximidade ao solo dá-me o conforto e a tranquilidade que não consigo obter quando a milhares de pés de altitude. Lá em cima está o tiro liro liro, mas eu dou-me bem melhor cá em baixo com o tiro liro ló. Só preciso de aprender a tocar concertina e a dançar o solidó.

Não é que eu odeie alturas, mas há alturas em que eu tenho medo de alturas. Sou uma pessoa realista e, talvez devido a essa minha condição, prefiro ter sempre os pés bem assentes no chão.

A quantidade de pessoas casadas que dorme com outras pessoas que não o seu cônjuge, não me deixa de surpreender. Parece que meio mundo dorme com a outra metade. Há quem durma com o melhor amigo, há quem durma com a colega do trabalho, há quem durma com desconhecidos, e há até quem durma com profissionais do sexo. Dormir com outrem parece ser um comportamento completamente enraizado na nossa cultura. Mas afinal, o que se passa com estas pessoas? De onde vem tanto sono? Por que insistem em dormir acompanhadas por pessoas pertencentes a outros agregados familiares? E como é que arranjam forma de ter sono ao mesmo tempo que a outra pessoa em questão? As perguntas são muitas, mas, apesar de me provocar considerável espanto, não me tiram, propriamente o sono. Eu gosto de dormir. É, muito provavelmente, a coisa que faço melhor. Sempre que tenho um tempinho livre aprecio aplicá-lo em estados de consciência que me permitem reduzir os estímulos ambientais. Não que odeie o ambiente à minha volta, mas prefiro evitá-lo, se assim for possível. E se puder fazer isso enquanto descanso, tanto melhor. Compreendo que para algumas pessoas dormir com companhia possa ser bom, mas, na minha humilde e sonolenta opinião, dormir sozinho é bem melhor. Uma vez que dormir se trata de um ato pessoal e intransmissível eu abduco, sempre que posso, de companhia para a sua execução. Dormir com outra pessoa é, a meu ver, contraproducente. Para além de exigir bastante logística pode, por vezes, acabar mal. Dormir acompanhado pode ter como principal consequência um despertar antecipado e, como tal, não me desperta muito interesse. Para além de se perder espaço e margem de manobra (requisitos fundamentais para o meu estilo de sono), corre-se sempre o risco de se ter o descanso interrompido por sons emitidos pela outra pessoa, ou mesmo, por cotoveladas na cara perpetradas não intencionalmente por quem dorme nas imediações. Uma coisa que deve ser feita em sossego pode tornar-se num verdadeiro desassossego quando feita com companhia não habilitada a dormir em conjunto. Dormir sozinho não é para todos, eu sei, mas é mesmo para o lado que eu durmo melhor.

Dormir é buscar tranquilidade. Quando acontece com cônjuges alheios poderá se tornar num ato de relativa perigosidade. Pode mesmo se tornar num pesadelo, caso a terceira parte acorde para a realidade. Em alguns casos leva mesmo à obrigação posterior de dormir sozinha na rua, da pessoa que antes optou por dormir fora de casa acompanhada. É um risco, a meu ver, desnecessário. Dormir por aí pode ter más consequências, mas, como se sabe, cada um deita-se na cama que fez. Ou então na cama para a qual foi convidado.

Dormir é sempre uma coisa boa, mas, para evitar problemas, mais vale dormir só do que mal-acompanhado.

Sou vegetariano não praticante. Creio nas vantagens e benefícios da ingestão exclusiva de alimentos de origem vegetal, mas opto por ingerir outros alimentos, por norma, mais saborosos. Talvez não tão nutritivos, mas, definitivamente, mais saborosos. Tenho as minhas crenças, mas elas não são, de todo, impeditivas da degustação de um belo e suculento bife de alcatra. Sinto liberdade moral para trocar uma excelente e rica salada por um simples e pobre churrasco. Não o faço por rebeldia nem sequer o faço pela proteína. Faço-o apenas pelo meu palato, que, apesar de não ser muito exigente, tem as suas preferências bem definidas. Entre um brócolo e uma alface, a minha decisão recai sempre sobre uma picanha. Nunca hesito entre uma verdura e carne maturada, a escolha já está feita de antemão. Na minha alimentação os alimentos de cor verde são sempre relegados de forma respeitosa para segundo plano, uma vez que, por muita pena minha, não permitem a aplicação indiscriminada de molho picante. Sei que o verde é a cor da esperança, mas, a nível alimentar, eu não espero muito das verduras. A minha esperança é comer o alimento mais saboroso que puder.

Atualmente, fala-se muito em alimentação saudável e dos seus principais benefícios. A alimentação saudável tem cada vez mais adeptos e, eu próprio, considero ser uma alternativa bastante viável à degustação primitiva e indiscriminada levada a cabo pela maioria das pessoas. Reconheço todo o mérito à alimentação saudável, mas, apesar de tudo, recuso-me a enveredar por esse caminho, por vezes sinuoso, que sei que apenas me trará um vazio à alma e, principalmente, ao estômago.

Como vegetariano não praticante tenho assim liberdade para escolher o que é melhor para mim em determinada altura, seja a ingestão de uma simples e inocente salada, ou a ingestão, também ela simples, mas não tão inocente, de 350 quilocalorias em forma de hambúrguer.

Comer de forma saudável tem os seus prós, mas, como em tantos outros casos, eu prefiro focar-me nos seus contras. Relativa-

mente à alimentação saudável, o problema encontra-se logo ali à partida no prato. Parece saudável, é saudável, mas a sua ingestão é um problema.

E como pessoa avessa a problemas evito assim, ao máximo, comer de forma saudável. Entre problemas imediatos e problemas posteriores, eu opto por dar sempre uma oportunidade aos que vêm depois. Assim em vez de encarar o presente de estômago vazio, opto por encarar o futuro de estômago cheio.

Como vegetariano não praticante a minha dieta é pobre em ferro, fibras e potássio, mas é rica em variedade. É uma dieta muito mais abrangente do que a de qualquer fiel praticante. É certo que cometo os meus pecados, mas estou de consciência tranquila pois o meu objetivo não é ir para o céu. Prefiro ir para a churrasqueira.

Pelos vistos há demasiadas pessoas a morrer na praia. Nunca me debrucei sobre este fenómeno de óbitos declarados em formações geológicas compostas por partículas soltas de minerais ou rochas na forma de areia ao longo da margem de um corpo de água, mas, a verdade é que, quase todos os dias ouço falar acerca desse tipo de falecimentos. As causas, normalmente, são desconhecidas e, por incrível que pareça, algumas vezes relatadas pelo próprio falecido.

Morrer num local destes não é de todo recomendável a ninguém, principalmente aos vivos. Apesar de tudo, acredito que quem o faz, não o faz de livre vontade. Morrer num local que abunda em areia pode ser, de facto, complicado. Caso o vento esteja forte, há sempre a hipótese de o enterro acontecer de forma muito precoce. Uma rajada de vento na hora certa pode traduzir-se num enterro na hora errada. E, se morrer já é mau, ser enterrado no local em que se morre parece-me insensibilidade a mais por parte da mãe natureza.

Morrer na praia pode mesmo ser uma situação bastante ingrata. Primeiro porque se falece. Segundo devido à indumentária com que se falece. Falecer como civil é mau, mas, falecer como banhista é descredibilizar toda a nossa existência. Toda a dignidade se esvai quando se morre de sunga ou fio dental. Um cadáver com tão pouco tecido no corpo, definitivamente, não inspira a mesma confiança que um cadáver completamente vestido.

Falecer na praia é o completo oposto de falecer num centro comercial. Enquanto a morte num centro comercial atrai de imediato a atenção de toda a gente, a morte na praia pode passar despercebida por tempo indeterminado. A explicação é simples: pessoas que respiram deitadas ao sol tendem a não prestar atenção a pessoas deitadas ao sol que não respiram. O estado horizontal não é, de todo, propício a detetar estados post mortem no próximo. Na praia a única coisa que distingue um morto de um simples indivíduo na busca pelo bronze perfeito, é que, um já morreu e o outro ainda se está a tentar matar. Isso, e a parte de ainda respirar, claro.

«Essa história de morrer na praia é simplesmente metafórica. Significa apenas que a pessoa se esforçou demasiado em determinada área, mas, apesar de tudo, não conseguiu atingir o seu objetivo», dirão algumas pessoas. Aceito, mas com alguma renitência. A verdade é que, um conhecido meu, andou anos e anos a lutar para obter a licenciatura em direito e, precisamente quando lhe faltava apenas uma cadeira para concluir o curso, morreu na praia. Lembro-me perfeitamente como se fosse hoje. Foi no verão de 2004. Ataque cardíaco fulminante no areal da praia de Matosinhos. Apesar do azar não usava sunga nem estava demasiado vento aquando do ocorrido.

Planos há muitos. Planear faz parte da natureza humana e a verdade é que se planeia de tudo um pouco. Há quem planeie férias, há quem planeie casamentos, há até quem planeie assassinatos. Outros planeiam jantares, fins de semana e idas à praia. Planeiam-se coisas para amanhã como se não houvesse amanhã. Planeiam-se coisas para depois de amanhã sem se saber o dia de amanhã. Tudo se planeia. Quando corre bem, corre tudo como planeado. Mas quando o plano sai furado, a dúvida que surge de imediato é se existe um plano B. Quando algo corre mal só o plano identificado pela segunda letra do alfabeto parece interessar.

Apesar do plano B ser o único plano cujo nome é referido ocasionalmente, a minha fugaz literacia permite-me concluir que todos os planos são, efetivamente, nomeados com base no abecedário. O plano B, tal como o nome indica, pressupõe a existência do plano A. Depois do B, se for caso disso, existirão muito provavelmente os planos C e D. Poderá haver até o plano Z. À partida tudo dependerá da quantidade de planeamento efetuada e das letras disponíveis, na altura, para tal.

Eu não sou pessoa de planear. Planear parece-me uma tarefa promotora de desilusões. Assim sendo prefiro não planear nada e desiludir-me de forma mais espontânea. Mas se, eventualmente, eu planeasse, planearia de forma diferente. Posso mesmo garantir que nunca teria um plano A ou um plano B. Muito menos teria um plano C. Se eu planeasse, optaria, sem qualquer tipo de dúvida, por planos numerados. Em vez de usar letras, eu optaria por usar números. Teria o plano 1, o plano 2, o plano 3 e por aí fora. O plano 69, caso lá chegasse, poderia ou não, ter algo a ver com o número do próprio plano, só eu saberia. Um toque de mistério estaria assim também presente na elaboração dos meus planos. Seria um misto de números e surpresas, à semelhança do totoloto.

Não é que não goste de letras, mas, o uso do abecedário ao nível dos planos tem restrições evidentes. O alfabeto tem apenas vinte e seis letras. Planear recorrendo ao uso de letras permite, desta

forma, apenas vinte e seis planos no máximo. Nem planos para todos os dias de fevereiro se pode fazer.

Haverá sempre dois ou três dias não planeados que podem, no final do mês, fazer toda a diferença. Ficar cingido a tão poucos planos por mês demonstra a limitação que é usar o abecedário para planejar. Escusado será dizer que, usando numeração, os planos não têm limite. Podemos, de facto, planejar infinitamente. Planejar com números é planejar livremente e sem qualquer tipo de plafond.

Se eu planeasse seria dessa forma. Na eventualidade de algo correr mal, nada temeria, pois, poderia sempre recorrer ao plano 2.

Querido diário, nem sei porque te chamo assim. És simplesmente um conjunto de folhas encadernadas que comprei na papelaria da esquina. Custaste doze euros em promoção. Podia estar a escrever isto numa folha qualquer que até saía mais barato. Só estás aqui porque não tinha folhas em casa e, quando te comprei, os doze euros não me faziam falta. Adiante.

Escrevo para te dizer o que não tenho vontade de dizer ao mundo. O mundo não ia entender. Mas tu entendes, e se também não entendesses ia dar ao mesmo. Não podes responder, não podes reclamar. Não passas de um mero aglomerado de folhas e não consegues sequer impedir que te sarrabisque indiscriminadamente.

Lembras-te daquela vez que te escrevi acerca da vontade que eu tinha de matar o meu vizinho de cima com dois tiros de caçadeira devido ao barulho que ele faz? Pois é, ainda não mudei de ideias. Ele continua a fazer muito barulho e eu continuo sem gostar do barulho que ele faz. Penso que só uma caçadeira poderá resolver este desentendimento de proporções acústicas. Sabes bem que não sou uma pessoa violenta e a prova disso é que nem uma caçadeira eu tenho. Estou a pensar comprar através da internet. Como não saio muito à rua será mais fácil comprar online. Só preciso de duas coisas: um computador com acesso à internet e um cartão de crédito.

Sim, eu sei que vejo mal ao longe e isso poderá ser um problema. Como é óbvio a solução passa por treinar a pontaria. Ou então matá-lo bem de perto. O que não pretendo é falhar, sabes bem que sou meticoloso e odeio falhas. Apesar de tudo estou um pouco reticente. Tenho a perfeita noção de que a caçadeira faz muito barulho e, como sabes, odeio barulho. Aliás, encontro-me nesta situação pré-homicida devido ao barulho que o meu vizinho faz.

Há dias vi num documentário que um revólver calibre 38 é suficiente para matar um ser humano. Acreditei porque raramente mentem em documentários. Talvez opte por comprar um revól-

ver. Para além de ser mais pequeno faz, certamente, menos barulho do que uma caçadeira. Se amanhã tiver oportunidade trato disso. Só preciso de duas coisas: um computador com acesso à internet e um cartão de crédito.

Gostaria que, depois de matar o meu vizinho de cima, o meu vizinho de frente não me olhasse de lado. Espero que compreenda que o que eu vou fazer é pessoal e perfeitamente justificável.

Por hoje é tudo, já bateram à minha porta. Parece que está outra vez na hora de tomar a medicação. Todos os dias a mesma rotina, enfim. Qualquer dia compro uma arma e não me responsabilizo pelas minhas ações. Só preciso de duas coisas: um computador com acesso à internet e um cartão de crédito.

Da crítica do uso do colete enquanto peça de vestuário válida, ao pouco uso dado às bicicletas estáticas, passando pelos prevaricadores de apertos de mão e detentores de prisão de ventre, estes textos falam de quase tudo sobre quase nada.

Pelo caminho, desmonta-se o mito do horóscopo, discute-se o paradeiro de tupperwares e questiona-se o uso de «top» enquanto adjetivo.

Levantam-se questões existenciais e outras, de igual ou maior importância, tais como, do desaparecimento do Q de quá-quá.

Aviso: Contém palavras.

